

LT71

UNIVERSIDADE EDUARDO MÔNDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**Alguns Aspectos da Coesão e Coerência
Textuais no Romance
Terra Sonâmbula de Mia Couto**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO PARCIAL DOS REQUISITOS
EXIGIDOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM LINGUÍSTICA DA
UNIVERSIDADE EDUARDO MÔNDLANE

Nataniel José Ngomane

1994

LT-71

10255

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**Alguns Aspectos da Coesão e Coerência Textuais no
Romance *Terra Sonâmbula* de Mia Couto**

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos exigidos para o
grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	23444
DATA	/ /
AQUISIÇÃO	Oferta
COTA	LT-71

Por: Nataniel José Ngomane
Supervisor: dr. Henrique Nhaombe

Maputo, Outubro de 1994.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio e ao patrocínio de várias pessoas e instituições. Sendo assim, gostaria de expressar aqui os meus agradecimentos, em primeiro lugar, ao João Baptista Arnaldo, à Maria Luíza Zaza, ao Vasco Gune e ao Sector de Comunicação do INIA, pelo apoio em computadores, impressoras, papel e trabalho de encadernação.

Aos meus professores, quero mencionar o meu reconhecimento por tudo quanto me ensinaram, que, afinal, constituiu a base de realização deste trabalho. Ao Dr. Gilberto Matusse, mestre e amigo de longa data, pelo estímulo, conselhos, orientação e muito apoio; à dra Fátima Mendonça e ao Professor Lourenço do Rosário, pelo encorajamento.

Aos meus colegas de curso, pela colaboração de vários anos.

À Olga, Yara e Awassi, por tudo quanto tiveram que aturar.

À Merane e ao José, por tudo...

Finalmente, um agradecimento especial ao dr. Henrique Nhaombe, meu Supervisor, pela orientação que soube dar à elaboração desta dissertação, desde a primeira hora.

ABREVIATURAS E SINAIS, SEUS SIGNIFICADOS

E. - Extracto(s)

Rf.,(1) - Referência: (exo) exofórica
(an) anafórica

Rt.,(2) - Reiteração

Sb.,(3) - Substituição: (sn) sinonímia

(ant) antonímia

(hipe) hiperonímia

(hipo) hiponímia

El.,(0),[-] - Elipse

CF - Coesão Frásica

CT - Coesão Temporal

CI - Coesão Interfrásica

L. - Linha

UD - Unidade Diegética

Cap. - Capítulo

P - Pressuposição

nP - n Parágrafo (onde n é qualquer número natural)

p. - Página

-> - está para.../ realiza-se por...

<-> - mantém uma relação semântica com

- fronteira entre cadeias semânticas

-> - implicação

(?) - sequência textual semanticamente estranha

(*) - sequência textual semanticamente contraditória

ÍNDICE

Sumário

Capítulo I

1. Introdução	1
1.1. Apresentação do assunto	1
1.2. Metodologia e estruturação do trabalho	2

Capítulo II

2. Pressupostos teóricos	3
2.1. O conceito de texto	3
2.1.1. Tipos de texto	5
(i) O texto oral	5
(ii) O texto escrito	6
2.1.2. O conceito de textura (ou textualidade)	7
2.1.2.1. Textura externa	8
2.1.2.2. Textura interna	8
(i) Textura interna ao nível supra-enunciado	9
(ii) Textura interna ao nível do enunciado	11
(1) Dicotomia tema/rema	11
(2) Dicotomia novo/dado	12
(iii) Textura interna ao nível inter-enunciado	13
2.2. O conceito de conectividade	15
2.2.1. Conectividade sequencial ou coesão	15
2.2.2. Conectividade conceptual ou coerência	20

Capítulo III

3. Método de Pesquisa	26
3.1. O Corpus	26
3.2. Selecção de dados	26
3.2.1. Critérios de selecção	26
3.2.2. Procedimentos	27
3.2.2.1. Nível intradieético	27
3.2.2.2. Nível interdiegético	28
3.2.2.3. Nível da estrutura circular da obra	28

Capítulo IV

4. Análise de dados	30
4.1. Nível intradiegético	30
4.1.1. Dimensão da Conectividade Sequencial ou Coesão	30
4.1.2. Dimensão da Conectividade Conceptual ou Coerência ...	46
4.2. Nível interdiegético	55
4.2.1. Dimensão da Conectividade Sequencial ou Coesão	55
4.2.1.1. A pressuposição	55
4.2.1.2. A progressão temática	58
4.2.2. Dimensão da Conectividade Conceptual ou Coerência ...	61
4.2.2.1. Do ponto de vista da pressuposição	61
4.2.2.2. Do ponto de vista da progressão temática	62
4.3. Nível da estrutura circular da obra	63
4.3.1. Dimensão da Conectividade Sequencial ou Coesão	63
4.3.2. Dimensão da Conectividade Conceptual ou Coerência ...	66

Capítulo V

5. Conclusões	69
6. Bibliografia	72

Anexos

Anexo 1 - Dados Seleccionados:

- Extractos - I
- Extractos - II
- Extractos - III

Anexo 2 - Laços Semânticos Detectados nas Unidades Diegéticas

- Texto 1 - I Unidade Diegética
- Texto 2 - II Unidade Diegética
- Texto 3 - III Unidade Diegética

SUMÁRIO

O presente trabalho constitui um estudo sobre os mecanismos discursivos que o escritor moçambicano Mia Couto usa para estabelecer uma **Coesão** e uma **Coerência** específicas ao romance *Terra Sonâmbula*.

Para a realização deste estudo apoiamo-nos em vários conceitos relacionados com os fenómenos da **Coesão** e da **Coerência**, nomeadamente, **texto**, **textura**, **tema/rema**, **novo/dado**, **progressão temática**, entre outros. Mas, sobretudo, operamos com processos semânticos de sequencialização das ocorrências textuais, quer do ponto de vista da equivalência de traços semânticos - co-referência, substituição, elipse, reiteração -, quer do ponto de vista da sequencialização estrutural ou gramatical - coesão frásica, coesão interfrásica e coesão temporal.

É um trabalho subdividido em cinco capítulos: o **primeiro** é constituído por uma introdução geral que, além dos objectivos, apresenta as hipóteses sobre as quais assenta o estudo; o **segundo** apresenta os pressupostos teóricos e, o **terceiro**, a metodologia usada; o **quarto** apresenta a análise dos dados, e, o **quinto**, as conclusões.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do assunto

Com este trabalho pretendemos fazer um estudo dos mecanismos discursivos que o escritor moçambicano Mia Couto usa no romance *Terra Sonâmbula* para estabelecer Coesão e Coerência textuais. Para atingir este objectivo, partimos das seguintes hipóteses:

o autor parece socorrer-se de mecanismos discursivos disponíveis na língua portuguesa para:

1. construir uma única e grande estória, partindo de várias unidades diegéticas;
2. construir texturas específicas a cada unidade diegética que, por associação co-textual global, estabelecem uma textura genérica;
3. conferir uma estrutura circular à obra.

Ao assentarmos o nosso trabalho nestas três hipóteses, o nosso objectivo foi procurar demonstrar a pertinência dos mecanismos discursivos acima referidos, quer para a compreensão da obra no seu todo, quer também para a sua interpretação¹. Ao mesmo tempo quisemos mostrar com que instrumentos pode contar, eventualmente, o possível leitor para fazer leituras adequadas, que se aproximem ao modelo de construção da obra.

A forma muito específica como o romance *Terra Sonâmbula* está organizado está na base da sua escolha para o desenvolvimento do nosso estudo, no lugar de qualquer outra obra moçambicana. Por outro lado, o facto de em Moçambique se fazerem poucos trabalhos na área da análise do discurso terá, igualmente, contribuído para esta escolha.

¹ Entendida a compreensão como a captação da articulação consequente entre as ocorrências textuais e os objectos, factos ou acontecimentos nelas descritos, e a interpretação como a reconstrução - quase sempre aproximativamente - da intenção comunicativa manifestada no e pelo texto. Quer numa, quer noutra, intervém poderosamente o universo de conhecimento do receptor (Cf. Fonseca, 1992:31-49).

Neste sentido, julgamos poder contribuir para o desenvolvimento desta área no país, bem como para o enriquecimento e valorização do património literário de Moçambique.

Num país como Moçambique onde, de uma maneira geral, o Português é uma língua segunda, a realização deste trabalho, nesta língua, é também uma contribuição para um tratamento futuro desta obra em situação escolar.

mas na dissertação as teorias psicológicas referem-se a processos implícitos psicológicos resultantes da análise afetiva.

1.2 Metodologia e Estruturação do Trabalho

O *corpus* do presente trabalho é o romance *Terra Sonâmbula* do escritor moçambicano Mia Couto. Foi com base na totalidade da obra que fizemos a selecção dos dados para a análise.

Trata-se de um trabalho repartido em cinco capítulos: o **primeiro** apresenta uma introdução geral ao trabalho e, o **segundo**, os pressupostos teóricos sobre os quais assenta o estudo. Neste capítulo, dá-se um enfoque particular aos conceitos de *coesão* e *coerência* textuais. O **terceiro capítulo** traça as linhas metodológicas que orientaram a pesquisa; o **quarto** ocupa-se da análise dos dados, de acordo com o quadro teórico apresentado no capítulo segundo e, por fim, o **quinto e último capítulo**, apresenta os resultados da análise em forma de conclusões.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Dado que a Coesão e a Coerência são duas dimensões centrais na configuração do texto, o estudo dos mecanismos discursivos que estabelecem estas dimensões passa, necessariamente, pela consideração de outros factores a si atinentes. É nessa base que se justifica, neste capítulo, a presença de outros conceitos que não aqueles. Assim, na busca de uma caracterização cada vez mais clara, e sem ambiguidades, vários autores têm-se debruçado sobre os conceitos de **texto** e **textura** (ou **textualidade**). Aqui, iremos passar em revista algumas dessas abordagens, tentando evidenciar aqueles aspectos que julgamos relevantes para os propósitos do nosso trabalho.

2.1 O Conceito de Texto

Nota Segundo Metzeltin (1981:34), o texto, quer seja escrito ou oral, é o conjunto das orações de um comunicado. Para este autor, todo o texto pode, em geral, verter-se num conjunto de proposições. Para Galisson et al (1983:706), citado por Mavale (1992:5), o texto não é mais do que um conjunto acabado ou não de enunciados escritos ou orais constituindo, em geral, um discurso seguido.

Quer uma definição, quer outra, procuram estabelecer um conceito de texto de forma linear, caíndo no descaramento de aspectos em si imanentes, intrínsecos à sua produção e recepção. Entretanto, Brown-Yule (1983:190) já tomam em conta esses aspectos ao restringirem o conceito de texto ao registo verbal de um evento comunicativo, pois este já pressupõe uma entidade emissora e, pelo menos, uma entidade receptora.

Na verdade, uma definição de texto não se pode alhear totalmente de um dos principais propósitos da sua existência, que é o da comunicação; daí constituir uma unidade de língua em uso, um 'continuum' de significado-em-contexto, independentemente da sua extensão, e não apenas um conjunto de orações ou enunciados [Halliday-Hasan (1976) citados por Fonseca (1992:7-8)].

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Dado que a *Coesão* e a *Coerência* são duas dimensões centrais na configuração do texto, o estudo dos mecanismos discursivos que estabelecem estas dimensões passa, necessariamente, pela consideração de outros factores a si atinentes. É nessa base que se justifica, neste capítulo, a presença de outros conceitos que não aqueles. Assim, na busca de uma caracterização cada vez mais clara, e sem ambiguidades, vários autores têm-se debruçado sobre os conceitos de *texto* e *textura* (ou *textualidade*). Aqui, iremos passar em revista algumas dessas abordagens, tentando evidenciar aqueles aspectos que julgamos relevantes para os propósitos do nosso trabalho.

2.1 O Conceito de Texto

Segundo Metzeltin (1981:34), o texto, quer seja escrito ou oral, é o conjunto das orações de um comunicado. Para este autor, todo o texto pode, em geral, verter-se num conjunto de proposições. Para Galisson et al (1983:706), citado por Mavale (1992:5), o texto não é mais do que um conjunto acabado ou não de enunciados escritos ou orais constituindo, em geral, um discurso seguido.

Quer uma definição, quer outra, procuram estabelecer um conceito de *texto* de forma linear, caíndo no descaramento de aspectos em si imanentes, intrínsecos à sua produção e recepção. Entretanto, Brown-Yule (1983:190) já tomam em conta esses aspectos ao restringirem o conceito de texto ao registo verbal de um evento comunicativo, pois este já pressupõe uma entidade emissora e, pelo menos, uma entidade receptora.

Na verdade, uma definição de texto não se pode alhear totalmente de um dos principais propósitos da sua existência, que é o da comunicação; daí constituir uma unidade de língua em uso, um 'continuum' de significado-em-contexto, independentemente da sua extensão, e não apenas um conjunto de orações ou enunciados [Halliday-Hasan (1976) citados por Fonseca (1992:7-8)].

Segundo Mateus et al (1989:134), um texto é um objecto materializado numa dada língua natural, produzido numa situação concreta e pressupondo os participantes locutor e alocutário, fabricado pelo locutor por selecção sobre tudo o que, nessa situação concreta, é dizível para (e por) esse locutor a um determinado alocutário.

Por seu turno, van Dijk (1981) chama texto às formas particulares de enunciados da linguagem; quer se apresentem de forma falada ou escrita. Este autor considera que os textos de língua natural constituem o objecto fundamental da ciência do texto, por oposição àqueles que dependem de outros sistemas semióticos (ou códigos)².

Neste aspecto, importa referir que o texto literário é regido pelo *sistema semiótico*³ literário que, além da língua natural, inclui vários destes outros códigos (métricos, estéticos, estilísticos, retóricos, ideológicos...). *Código* é o conjunto finito de regras que permite ordenar e combinar unidades discretas, no quadro de um determinado sistema semiótico, a fim de gerar processos de significação e de comunicação que se consubstanciam em textos.⁴

A este propósito, Aguiar e Silva (1988:75) aponta que a obra literária constitui o resultado de um fazer, de um produzir que, sendo embora também um processo de expressão, é necessária e primordialmente um processo de *significação* e de *comunicação* resultando, daí, a sua constituição em texto. Como entidade semiótica, o texto pode-se definir como um conjunto permanente de elementos ordenados, cujas co-presença, interacção e função são consideradas por um codificador e/ou decodificador como reguladas por um determinado sistema sónico (Ibid:562).

O texto literário, como qualquer outro acto significativo e comunicativo, só é produzido e só funciona como mensagem num específico circuito de comunicação, em virtude da prévia existência de um código de que têm comum conhecimento (...) um emissor e um número indeterminado de receptores. (Ibid:75)

² Cf. Teun. A. van Dijk, "O texto: estruturas e funções". in Varga, Kibédi, 1981, *Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Presença, p.68.

³ "Série finita de signos interdependentes entre os quais, através de regras, se podem estabelecer relações e operações combinatorias, de modo a produzir-se semiose." (Aguiar e Silva, V.M. de, 1988, *Teoria da Literatura*, 8ª Edição, Coimbra, Almedina, p.76.).

⁴ Aguiar e Silva, Ibid.

Nesta perspectiva, que não perde de vista a relação produtor/receptor (falante/ouvinte ou escritor/leitor) do texto, constituem ingredientes presentes, explícita ou implicitamente, no objecto texto, a *materialidade linguística*, isto é, a língua natural em que está configurado este objecto; os *códigos simbólicos* em presença na formação social em que é produzido, circula e é interpretado; os *processos cognitivos* com que a sua estruturação deve ser conforme para que produza sentido, e as *hipóteses e pressuposições* do locutor sobre o saber que ele e o alocutário partilham acerca do mundo (Mateus et al, 1989:134). São incluídos neste saber a experiência anterior de um e do outro (da qual faz parte o conhecimento de textos já produzidos) e o(s) assunto(s) do próprio texto⁵.

2.1.1 Tipos de texto

Tal como já se fez referência, o texto pode-se apresentar quer na forma falada, quer na forma escrita. Este facto estabelece, a priori, a existência de dois tipos distintos de texto: o *texto oral* e o *texto escrito*.

(i) O texto oral

O *texto oral* diferencia-se do escrito não apenas pelo facto de ser defectivo em relação a um código grafemático, mas sobretudo porque comporta sinais e códigos diferentes e porque o seu funcionamento, no que diz respeito à produção, à estruturação e à recepção é diverso (Aguar e Silva, 1988:138).

De acordo com este autor, o sistema semiótico da literatura oral compreende signos paraverbais e extraverbais de grande relevância na sua constituição e na sua dinâmica, que interagem com signos literários verbalmente realizados e cuja organização semântica e sintáctica é regulada por códigos inexistentes no sistema semiótico da literatura escrita. Isto é, o produtor de um texto oral, além de recursos linguísticos, dispõe de uma gama de

⁵ O assunto do texto pode ser obtido através da leitura. Após a sua obtenção, serve de pressuposto ao entendimento de passagens novas que se vão apresentando no interior do próprio desenvolvimento textual.

recursos paralinguísticos e extralinguísticos que lhe permitem reforçar o significado expresso pelas palavras que usa, ou que acabou de usar - a repetição, as interjeições, os elementos prosódicos, os gestos - recursos de que não dispõe o autor de um texto escrito (Cf. Aguiar e Silva, Op. Cit., pp.138-140).

Do ponto de vista da estruturação, e considerando os recursos de que dispõe, é característico deste tipo de texto uma sintaxe menos estruturada, com muitas frases incompletas - quase grupos de sintagmas - e pouco uso da subordinação (Cf. Brown-Yule, 1983:15-16).

Quanto à recepção, Aguiar e Silva (Op. Cit., p.143) refere que o *texto oral* se desenvolve de modo irreversível, tanto para o emissor como para os receptores, na linearidade do tempo.

(ii) O texto escrito

Ainda de acordo com Aguiar e Silva (Ibid:138-140), este tipo de texto não dispõe de recursos paralinguísticos, nem extralinguísticos. O autor de um *texto escrito*, além de fazer uso de um código grafemático, confronta-se com a impossibilidade de fixar os elementos prosódicos, devendo usar a pontuação para substituir alguns desses elementos (Cf. Manhice, 1992:30).

Este tipo de autor, também se confronta com a necessidade de descrever os gestos, a entoação, as atitudes, o contexto situacional; confronta-se, igualmente, com a obrigatoriedade de construir frases completas, gramaticalmente correctas e mais cuidadas, para explicitar melhor a sua intenção comunicativa -recorrendo a construções mais complexas (Ibid.).

Quer dizer, a sintaxe de um *texto escrito* é rigorosamente mais estruturada, fazendo um grande uso da subordinação. Por isso, na linguagem escrita, o autor de um texto dispõe de um conjunto extenso de marcadores metalinguais⁶, além de outros mecanismos

⁶ No sentido em que Mateus et al (1989) considera os *conectores frásicos*, isto é, elementos linguísticos que assinalam e exprimem as relações entre as frases que ocorrem na superfície textual (Cf. Mateus et al, Op. Cit., p.138).

discursivos, exactamente para marcar as relações que se estabelecem entre as orações (Brown-Yule, Op.Cit., p.16).

2.1.2 O Conceito de Textura (ou Textualidade)

Segundo Aguiar e Silva (1988:635), a textura é a organização formal que possibilita instituir conexidade, relações coesivas, entre as entidades textuais, suturando adequadamente a sucessão dos enunciados, assegurando a continuidade e a progressão informativas, construindo a "tessitura" que o texto (*textus*) é. Ainda de acordo com este autor, citando Ruqaiya Hasan, textura é o termo técnico usado para referir o facto de as unidades lexicogramaticais que representam um texto estarem muito unidas -que existe coesão linguística dentro de uma passagem ou trecho.

Nota dominante nestas duas abordagens, é o papel que se atribui às relações coesivas, papel este que é, igualmente, posto em relevo por Halliday-Hasan (1976), citados por Brown-Yule (1983:191), que afirmam que o determinante primário por forma a que um conjunto de frases constitua, ou não, um texto depende das relações coesivas dentro e entre as frases, que é o que cria a textura. Isto é, o conceito de *textura* é inteiramente apropriado para expressar a propriedade de 'ser um texto'. Um texto tem *textura* e isto é o que o distingue de alguma coisa que não o é. Esta *textura* deriva do facto de funcionar como uma unidade em relação ao seu meio, e é fornecida pela relação coesiva (Ibid.).

Para Fonseca (1992:8), consubstancia-se, assim, a *textura* nos traços que fazem de um produto verbal um todo semântico unificado, como tal funcionando globalmente numa situação de comunicação, em que se inscreve por forma adequada. Por isso, o texto surge na visão de Halliday-Hasan (1976) basicamente como um 'continuum' de significado em contexto, uma unidade de língua em uso - independentemente da sua extensão.

Ainda de acordo com Fonseca (Op. Cit., pp.8-9), Halliday-Hasan (1976) procuram levantar os recursos de que dispõem as línguas e que transparecem

especificamente no texto, distinguindo-o de uma sequência desconexa de frases. É nesta base que é reconhecida a existência de uma *textura externa* e de uma *textura interna*.

2.1.2.1. Textura externa

Segundo Halliday-Hasan (1976), citados por Fonseca (Ibid.), cabe na *textura externa* tudo o que respeita aos factores externos que afectam a escolha linguística que o falante ou escritor fazem, o que tem a ver com a natureza da audiência, do *media*, do propósito da comunicação. É a partir dessa escolha que o texto revela uma consistência própria, concretizada, por um lado, basicamente numa continuidade temática e, por outro, numa certa uniformidade ou homogeneidade no que tange a aspectos variados, nomeadamente, ao nível de língua e ao "género" (ou '^{rhetorical} rhetorical form').

Na verdade, de acordo com Fonseca (Op. Cit., nota (6), p.91), o que está em causa na consideração de *textura externa* é o que no texto testemunha a sua ligação ao contexto em que é produzido, o que na óptica de van Dijk (1981) tem a ver com uma interacção entre o texto e o *contexto sociocultural*. Segundo este autor, as situações sociais, as categorias de participantes e as regras, normas e convenções a observar nestas situações definem, em conjunto, quem pode ou deve dizer o quê, em que momento e de que maneira. A nossa comunicação textual com as instituições é assim regularizada mediante normas estritas. Regras, convenções e normas podem diferir de uma cultura para outra; logo, encontraremos também em culturas diferentes, diferentes tipos de textos e diferentes estruturas textuais. As estruturas esquemáticas, estilísticas e retóricas podem, por conseguinte, diferir de uma cultura para outra.⁷

2.1.2.2. Textura interna

Ainda de acordo com Halliday-Hasan (1976), citados por Fonseca (Op. Cit., pp.9-10), a *textura interna* respeita à organização sequencial intrínseca do texto,

⁷ in Varga, A. Kibédi. Op. Cit., p.93.

à sua sintagmática imanente, manifestando-se em três níveis diferenciados: (i) ao nível supra-enunciado (ou supra-frásico); (ii) ao nível do enunciado (ou da frase) e (iii) ao nível inter-enunciados (ou inter-frásico).

(i) **textura interna ao nível supra-En (ou supra-frásico)**

A este nível, de acordo com Halliday-Hasan (1976), a *textura interna* manifesta-se como a macroestrutura do texto, que o estabelece como um texto de um tipo particular (conversação, narrativo, lírico, etc.), ou seja, como a estrutura do discurso.

No entanto, como Fonseca (Op. Cit.) faz notar, trata-se de uma dimensão da *textura interna* mal integrada, pois, e como reconhece Halliday (1977), "a estrutura genérica *está fora do sistema linguístico*: é língua como projecção de uma estrutura semiótica de um nível mais elevado".⁸

De facto, na visão de van Dijk (1981), esta dimensão [da *textura interna*] tem a ver com um *nível* [de texto] *mais global*, um nível associado à designação de *tema* ou *assunto*, e que cabe no conceito teórico de *macroestrutura*⁹ (semântica). De acordo com van Dijk (1978:55), citado por Reis-Lopes (1987:221), a *macroestrutura* de um texto é uma representação abstracta da estrutura global de significado de um texto, sendo, a este nível macroestrutural, que se coloca o problema da *coerência*. E, tal como faz notar van Dijk (1981), este conceito de *macroestrutura* é relativo.

Quer dizer, como qualquer estrutura semântica, uma *macroestrutura* também é composta por proposições. Estas proposições (ou macroproposições) dão conta dos mesmos factos a um nível "superior", "mais abstracto", "mais geral" ou "mais global". Mas uma proposição nunca é, em si mesma, uma macroproposição; ela é, sim, uma macroproposição em relação às (micro)proposições de que deriva mediante as *macro-regras*.

⁸ Cf. Fonseca, Op. Cit., nota (7), p.91.

⁹ Este conceito foi introduzido por van Dijk, no domínio linguístico, para descrever a estrutura semântica global de um texto (Reis-Lopes, 1987:221).

Isto é, podem distinguir-se diferentes níveis na macroestrutura de um texto: a primeira página de uma narrativa pode ser resumida por uma proposição, constituindo a sua macroestrutura (ou macroproposição); mas as macroproposições que se formam de página em página, de capítulo em capítulo, podem por sua vez ser reduzidas pelas macro-regras a macroproposições de "ordem superior", formando as suas macroestruturas. Efectivamente, podemos distinguir a macroestrutura de uma passagem, a macroestrutura de um capítulo ou a macroestrutura de um romance inteiro¹⁰ - daí resultando o aspecto relativo deste conceito.

Ao falar de *macro-regras*, van Dijk (1981) reporta-se àquilo que na óptica de Reis-Lopes (1987:222) constitui um certo número de regras que reduzem e integram a um nível superior de representação a informação semântica do texto. São regras que suprimem tudo o que é acidental e supérfluo e definem o que é fundamental no conteúdo do texto considerado como um todo. De acordo com estes autores, ao serem accionadas, estas regras seleccionam, generalizam e integram numa representação hiperonímica os significados locais das microestruturas. A *supressão* (ou *selecção*), a *generalização* e a *construção* constituem, segundo van Dijk (1981), as macro-regras mais importantes, podendo, assim, ser definidas:

(1) *supressão* (ou *selecção*) - tem a ver com a supressão, numa sequência de proposições, de todas as proposições que não são condições para a interpretação das proposições que se seguem no texto (ou, tem a ver com a selecção, numa sequência de proposições, das proposições que são condições de interpretação);

(2) *generalização* - diz respeito à substituição duma sequência de proposições pela proposição implicada por cada uma das proposições da sequência;

(3) *construção* - relaciona-se com a substituição de uma sequência de proposições por uma proposição que remeta globalmente para o mesmo acontecimento para o qual também remetem as proposições da sequência no seu conjunto.¹¹

¹⁰ Cf. T. A. van Dijk, "O texto: estruturas e funções". in Varga, A. Kibédi, 1981, *Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Presença, pp.76-78.

¹¹ Cf. in A. Kibédi Varga (1981:77).

Van Dijk (1981) refere que estas regras só podem funcionar na base do nosso conhecimento do mundo (in Varga, K., Op. Cit., p.78).

(ii) *textura interna ao nível do En (ou da frase)*

Segundo Halliday-Hasan (1976), citados por Fonseca (1992:9-10), neste nível, a *textura interna* manifesta-se como a estrutura textual que é interna à frase, ou seja, certas dimensões da organização interna do enunciado, considerado no seu papel como a realização do texto. É assim que estes autores se referem, por um lado, à organização do enunciado em *tema/rema* e, por outro, à sua estruturação em termos de articulação de unidades de informação *conhecida* ou *dada e não conhecida* ou *nova*.

Trata-se, pois, de dois aspectos que têm a ver, respectivamente, com (1) a *função* de cada uma das partes do enunciado ou frase - *dicotomia tema/rema* - e com (2) a sua *importância informacional* - *dicotomia novo/dado*.

(1) *Dicotomia Tema/Rema*

Baseando-se no modelo da *Perspectiva Funcional da Frase* ("*Functional Sentence Perspective*" - *FSP*) de Firbas (1964, 1981), Lopes (1986:29-30) afirma que é possível distinguir, [numa frase], segmentos de língua que são de maior ou menor relevância comunicativa - de acordo com os propósitos do falante [ou escritor]. Este autor reconhece a existência de uma certa ordem favorecida, na comunicação, para dizer algo de alguma coisa, cuja 'alguma coisa' é apresentada na frase, bem como o facto de um elemento da frase ser posto em foco por contraste a todos os outros elementos.

Por outras palavras, a frase possui uma forma de organização que lhe atribui o carácter de mensagem conferindo-lhe, assim, o estatuto de evento comunicativo. É essa forma de organização que é conhecida pelo nome de *estrutura temática* (Cf. Halliday, 1985:38). De acordo com este autor, a frase é organizada como uma mensagem por ter

um estatuto especial fixado a uma das suas partes, a qual se combina com a restante constituindo, ambas, a mensagem da frase.

Na sua essência, a *Perspectiva Funcional da Frase* tem a ver com a distribuição do *Dinamismo Comunicativo* na frase ou enunciado constituindo, a dicotomia *tema/rema*, as duas maiores categorias caracterizadoras da *FSP*. Assim, o *tema* é o elemento portador de menor grau de *Dinamismo Comunicativo*, e o *rema* o de maior grau, isto é, o elemento que exprime a parte mais dinâmica da informação (Cf. Lopes, Op. Cit., p.30).

(2) Dicotomia novo/dado

A *estrutura temática* mantém uma relação estreita com uma outra forma de organização do enunciado ou frase a que se dá o nome de *estrutura de informação* (Cf. Halliday, 1985:278). Mas, apesar desta relação estreita, *dado/novo* e *tema/rema*, não são a mesma coisa.

O *tema* é o que *eu*, o falante [ou escritor], escolho tomar como meu ponto de partida. O *dado* é o que *tu*, o ouvinte [ou leitor], já conhece ou lhe foi acessível. [A dicotomia] *tema/rema* é orientada para o falante [ou escritor], enquanto o *dado/novo* é orientado para o ouvinte [ou leitor] (Ibid.).

Quer dizer, a *estrutura de informação* tem a ver com a organização do enunciado ou frase em termos de articulação de unidades de *informação dada* e unidades de *informação nova*, isto é, *dado* e *novo*, entendida aqui, a *informação*, como um processo de interacção entre o que já é conhecido ou previsível e o que é novo ou imprevisível (Ibid:274-275).

Estruturalmente, uma *unidade de informação* consiste de um elemento *novo*, obrigatório - senão não haveria informação - mais um elemento opcional, *dado*. O elemento *novo* funciona como a unidade iniciadora do discurso, e o *dado* tem uma natureza fónica, isto é, refere-se a algo já apresentado no contexto verbal ou não-verbal.

Em última análise, a *estrutura de informação* tem a ver com a informação que é apresentada pelo falante [ou escritor] como recuperável - *dado* - ou não-recuperável -

novo - para o ouvinte [ou leitor] (Cf. Halliday, 1985:275-277). E, apesar desta distinção entre a *estrutura temática* e a *estrutura de informação*, é o falante [ou escritor] quem fixa ambas as estruturas, construindo uma sobre a outra, para dar uma textura composta ao discurso e, desse modo, relacioná-lo com o seu contexto (Ibid:278).

(iii) *textura interna ao nível inter-En (ou inter-frásico)*

Neste nível, a *textura interna* manifesta-se como um complexo de laços semânticos que conectam os enunciados [ou frases] (contíguos ou não contíguos) [Halliday-Hasan (1976), citados por Fonseca (1992:9-10)]. Por outras palavras, a análise da articulação *tema/remã* não está confinada ao nível frásico. Danes (1974:118) mostrou como esta articulação se desenvolve de uma frase para a outra e de um parágrafo para o outro. Embora alguns linguistas, como Weissberg (1984), tenham falado em termos de 'desenvolvimento do tópico' Danes (Op. Cit.) rotulou este desenvolvimento de *progressão temática* (Cf. Lopes, 1986:33).

Na verdade, e de acordo com James (Op. Cit., p.115), um texto vem a ser tal quando uma sucessão de frases se torna um todo integrado. Como esta integração é obtida, pode variar de língua para língua. Newsham (1977) mostrou que este era o caso do inglês e do francês cuja estrutura paragrafã reflecte diferentes formas da organização *tema/remã* em frases sucessivas (Cf. James, Op. Cit.).

Newsham (1977) levantou duas pressuposições: uma, segundo a qual o *tema* de cada frase seria ligado ao *tema* ou *remã* de alguma outra frase e, a segunda, de que cada parágrafo, por definição, centra-se a volta de um *tema* original (James, Ibid.).

Quer uma pressuposição, quer outra, ambas remetem à definição de *progressão temática* de Danes (1974), que estabelece três padrões fundamentais¹²: a (1) *progressão linear simples*, a (2) *progressão constante* e a (3) *progressão segundo o padrão hipertema*.

¹² Cf. Lopes, A.J.P. (1986:33-34).

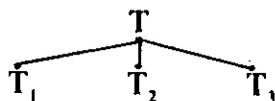
(1) **Progressão Linear Simples** - Diz respeito ao facto de a informação contida no *rema* inicial ser compartilhada pelo *tema* subsequente, a informação do segundo *rema* ser compartilhada pelo terceiro *tema*, e assim sucessivamente. O esquema, a seguir, onde T é igual a *tema* e R é igual a *rema*, ilustra este tipo de progressão temática:

$$T_1 - R_1 \longrightarrow T_2 (=R_1) - R_2 \longrightarrow T_3 (=R_2) - R_3, \text{ etc.}$$

(2) **Progressão Constante** - Neste tipo de padrão, a informação contida no *tema* inicial é compartilhada pelos *temas* subsequentes, de acordo com a ilustração seguinte:

$$T_1 - R_1 \longrightarrow T_1 - R_2 \longrightarrow T_1 - R_3, \text{ etc.}$$

(3) **Progressão segundo o Padrão Hipertema** - Relaciona-se com o facto de a informação contida nos diferentes *temas* ser derivada de um tipo de informação contida num *tema* primordial. Esquemáticamente, o *tema primordial* domina todos os outros *temas*:



Tal como se viu, Halliday-Hasan (1976) consideram a existência de três níveis da textura interna, começando pelo nível *supra-enunciado* (ou *supra-frásico*). Trata-se de uma divisão que é válida para efeitos de estudo. Todavia, o ponto de partida para se chegar ao nível *supra-enunciado*, é o nível do *enunciado* (ou *da frase*), do qual, através da *progressão temática*, se inicia a construção do nível *supra-En* (ou *supra-frásico*), ou seja, da *macroestrutura*¹³.

Mateus et al (1989:148-149), por seu turno, referem que um texto fala sempre de um ou mais assuntos - o(s) **tópico(s)** - e o que se diz acerca dele(s) - o **comentário** - que, em geral, acrescenta elementos cognitivos adicionais ao que constituía o nosso

¹³ Entendida, de acordo com van Dijk (1981), como uma estrutura de "ordem superior" que resulta da informação semântica contida nas macroproposições que se vão formando, sucessivamente, em diferentes níveis textuais (Cf. in Varga, A. Kibédi, 1981:76-78).

conhecimento anterior do assunto (ou tópicos). De acordo com estas autoras, às expressões que funcionam como tópico de sequências textuais dá-se o nome de **tópicos discursivos**, e as que funcionam como tópico de uma frase, **tópicos fráscicos**. Podendo denotar individuais, conceitos, propriedades ou relações, enquadramentos espacio-temporais ou estados de coisas relativos a quaisquer universos de referência, os tópicos são, em geral, **co(n)-textualmente dependentes** (Cf. Op. Cit, Ibid.). Estas autoras associam, assim, a estrutura temática ao modo como um texto selecciona e vai apresentando os tópicos e, a estrutura informacional, ao modo como esse texto distribui a informação que apresenta.

Em suma, todos os conceitos teóricos que aqui foram passados em revista, sobre texto e textura e, em particular, sobre a textura externa e interna, cabem naquilo que **Mateus et al (1989:135)** designam de **conectividade**.

2.2 O Conceito de Conectividade

Para **Mateus et al (1989:134-135)** a **conectividade** não é mais do que uma propriedade relacional que existe entre uma ocorrência textual A e uma ocorrência textual B, se as interpretações de A e B forem semanticamente interdependentes. Aqui, a 'ocorrência textual' é entendida como uma expressão linguística de qualquer categoria ou dimensão que ocorra na superfície textual.

Estas autoras consideram a existência de dois tipos distintos de conectividade: a **conectividade sequencial** ou **coesão** e a **conectividade conceptual** ou **coerência**. Vários autores têm-se debruçado sobre estes dois conceitos.

2.2.1 Conectividade Sequencial ou Coesão

De acordo com **Aguiar e Silva (1988:634)**, o texto possui um conjunto de propriedades estruturais que o distinguem de uma sucessão heteróclita ou aleatória de enunciados: a esse conjunto dá-se o nome de **coesão** textual.

Por seu turno, Mateus et al (Op. Cit.) chamam *coesão* àquele tipo de conectividade em que a interdependência semântica das ocorrências textuais resulta de processos linguísticos (universais, tipológicos ou particulares) de sequencialização, isto é, de ordenação linear, dos elementos linguísticos. Neste sentido, a *coesão* é uma dimensão da *textura interna*, pois, como já fora referido, ela diz respeito à organização sequencial intrínseca do texto, à sua sintagmática imanente (Cf. Halliday-Hasan, 1976, citados por Fonseca, 1992:9).

✓
Coesão
de texto
(H & H)

Por outro lado, ao considerarem *instrumentos de coesão* a todos os processos de sequencialização que asseguram uma ligação significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual, nos diversos níveis de análise, Mateus et al (Op. Cit.) reconhecem na *estrutura temática e informacional* a função de *instrumentos de coesão textual*. É assim que a *coesão* aparece, na visão de (Metzeltin, 1981:131) como aquele elemento que permite que todo o comunicado funcione como tal, esperando, o receptor de um texto, que as palavras e as frases deste estejam, de alguma maneira, relacionadas umas com as outras.

De acordo com Halliday-Hasan (1976:4), as relações coesivas dentro de um texto são estabelecidas "onde a interpretação de algum elemento, no discurso, depende da interpretação de um outro". De acordo com estes autores, um elemento pressupõe o outro no sentido de que ele não pode ser efectivamente decodificado, excepto por recurso a esse outro. Para estes autores, as relações assim explicitamente marcadas são susceptíveis de uma clara sistematização, pois, elas cabem num número restrito de categorias - *referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical*. Cada uma destas categorias é representada no texto por traços particulares -repetições, omissões, ocorrência de certas palavras e construções - que têm em comum a propriedade de assinalar que a interpretação da passagem em questão depende de alguma outra coisa. Se essa 'alguma outra coisa' é verbalmente explícita, então há coesão. (Ibid.:13)

Deste modo, a dimensão básica contida nesta noção de coesão é a *dependência semântica explicitamente* assinalada entre os enunciados por que se realiza o texto. Mas, se por um lado este princípio se aplica de modo diferenciado, por outro, *não é pertinente* em

algumas das manifestações da *coesão* configuradas por Halliday-Hasan (1976) (Cf. Fonseca, Op. Cit., p.12-13):

(i) os laços coesivos realizados por *referência*, por *substituição* e por *elipse* esgotam-se, sem dúvida, numa conexão de dependência semântica no sentido enunciado, visto que os elementos "pressupostos" são *diafóricos* e colhem a sua interpretação em outro(s) elemento(s) verbalizado(s), no co-texto. Porém, aos laços coesivos estabelecidos por *conjunção*, embora se aplique, também, o princípio da *dependência semântica*, este é aplicado *em termos inequivocamente diversos*, pois que, aqui, o elemento "pressuposto" não surge como termo a interpretar; surge, antes, como termo que estabelece, pelo seu próprio significado, uma relação a cumprir entre os enunciados que articula, já que as relações de *conjunção* não são *fóricas*, não se consumando nelas, em rigor, uma *dependência semântica* nos termos estritos em que Halliday-Hasan a configuram;

(ii) ainda de acordo com Fonseca (Op Cit.) algumas (*mas só algumas*) das conexões que Halliday-Hasan (1976) inscrevem na *coesão lexical* participam da relação de *dependência semântica*, porém, não se esgotando nessa mesma relação como nos casos da *coesão* por *referência*, *substituição* e *elipse*. Neste aspecto, aquele autor aponta a *reiteração* de um elemento nominal precedido de *diafórico* - em que se congrega, portanto, *coesão* por *referência* com *coesão lexical* - como o único caso que participa da relação de *dependência semântica* acima descrita, porquanto os outros nexos que cabem na *coesão lexical* se furtam ao princípio explicativo da *dependência semântica* tal como o apresentam Halliday-Hasan;

(iii) a *dependência semântica* estabelecida pela via de uma "pressuposição resolvida" no co-texto é vista, por Fonseca (Op. Cit., pp. 13-14), como não tendo cabimento como princípio explicativo dos nexos semânticos que Halliday-Hasan congregam na *coesão lexical estrita* ou "*coesão lexical pura*", isto é, a que

se manifesta como "uma função simplesmente de co-ocorrência de itens lexicais" de algum modo interligados no sistema, e independentemente de qualquer tipo de "relação de referência". Na verdade, explica, em qualquer das manifestações da "coesão puramente lexical" (quer por *reiteração*, nas suas diferentes modalidades, quer por "*colocação*") não há lugar à "resolução de uma pressuposição", no sentido que já conhecemos. Decididamente (e tal como as "relações conjuntivas"), as conexões que cabem no âmbito da "coesão lexical pura" não são "fóricas" (diafóricas), e a elas se não pode aplicar o princípio básico da *dependência semântica* proposto por Halliday-Hasan.

Tese

De acordo com Fonseca (Op. Cit., p.18) é, efectivamente, irrefutável que para Halliday-Hasan a *coesão* se consubstancia em nexos manifestados *em superfície*, ou seja, manifestados concretamente em instrumentos linguísticos projectados explicitamente em discurso. Por isso, é uma constante, ao longo do seu trabalho, a exigência do "*explicitamente verbalizado*", o que significa que Halliday-Hasan operam sempre com elementos linguísticos explicitamente presentes no texto. No entanto, é da experiência de cada um de nós que a continuidade semântica de um texto radica, em muitos momentos, em informações disponíveis a partir do contexto não verbal, das coordenadas da enunciação - logo, em informações implícitas, agregadas ao texto, mas não verbalizadas. Sendo assim, é ilegítimo pretender que a continuidade de sentido típica do texto seja um dado estritamente dos instrumentos verbais explicitamente realizados e que ela seja, em particular, assegurada pelos recursos que Halliday-Hasan integram na sua noção de *coesão*.

Neste sentido, importa voltar a referir que uma *unidade de informação*, de acordo com Halliday (1985:275), é, estruturalmente, composta por um elemento *novo*, obrigatório, e um elemento opcional, *dado*. O elemento *novo* funciona como a unidade iniciadora do discurso, e o *dado* tem uma natureza fórica, isto é, refere-se a algo já apresentado no contexto verbal ou não-verbal. Tal como já fora referido, a *informação* é definida, por este autor, como um processo de interacção entre o que já é conhecido *ou previsível* e o que é novo ou imprevisível (Ibid: 274-275).

Ainda de acordo com Halliday (Ibid.:287), para que uma sequência de frases, simples ou complexas, possa constituir um texto, é necessário fazer mais do que atribuir uma estrutura interna apropriada a cada uma delas; é necessário tornar explícita a relação externa entre uma frase e outra, e fazer isso de uma forma que não dependa da estrutura gramatical. James (1980:109) toma como base o princípio da *relevância comunicativa* e refere que as frases, para serem relevantes, devem associar a informação *nova* com outra, que já é do conhecimento do leitor, quer através do co-texto precedente, *quer por recurso ao contexto situacional*.

Quer dizer, no trabalho de Halliday-Hasan (1976) nunca é equacionado o contributo das coordenadas da enunciação para o desenho da continuidade de sentido do texto, e em particular o que toca às informações deixadas implícitas pelo locutor (Fonseca, 1992:19). Embora partam de uma adequada caracterização do texto e das relações enunciado-texto, Halliday-Hasan (Op. Cit.) abandonam, *em rigor*, esta perspectiva eminentemente *textual* atendendo ao que, *na sintagmática imanente do texto*, surge explícita e imediatamente como instrumento de ligação entre enunciados. Deste modo, a perspectiva tomada na caracterização da coesão é mais co-textual, já que o que está em causa não é senão um sub-conjunto de aspectos da configuração explícita de cada enunciado de uma sequência, decorrentes justamente da sua *co-textualização*. Isto é, *nunca é explicitamente adoptada uma perspectiva que parta do texto como unidade semântica global*.

Por outro lado, atentas as dimensões focadas por Halliday-Hasan, logo se torna saliente a ausência de qualquer referência às categorias verbais de *tempo* e *aspecto*, e a todos os outros elementos de localização temporal.¹⁴ A este propósito, Mateus et al (Op. Cit., p.142) referem que qualquer sequência textual só é coesa e coerente se a sequencialização dos enunciados satisfizer as condições conceptuais sobre localização temporal e ordenação relativa que sabemos serem características dos estados de coisas no mundo seleccionado pela referida sequência textual.

¹⁴ Cf. Fonseca, Op. Cit., pp.20-21.

Do ponto de vista de Fonseca (Op. Cit., pp.25-26), o que fica saliente na noção de coesão proposta por Halliday-Hasan é que nela se inclui, afinal, tão somente os recursos sintáticos de uma LN (i) para a formação das unidades frásicas e intrafrásicas, enquanto construções gramaticais e (ii) para a junção de enunciados (via relatores - *coesão por conjunção*) e sua interligação por *elipse* e por instrumentos *diafóricos* (preenchendo estes as categorias coesivas da *referência* e da *substituição*).

Assim, tal como já fora referido, salta à evidência que a perspectiva tomada por Halliday-Hasan na caracterização da *coesão* não toma em conta a contribuição do contexto situacional; antes, é uma perspectiva meramente co-textual, pois, os autores atendem sobretudo à resolução de alguns aspectos da estruturação concreta de cada enunciado de uma sequência que decorrem, justamente, da sua *co-textualização*. Nesta perspectiva, em Halliday-Hasan (1976) encontramos, basicamente, *dois grandes tipos* de conexões que *ao nível estrito da sintagmática imanente* estão envolvidos na instauração da continuidade de sentido típica do texto¹⁵:

- i) por junção ou combinação - relatores;
- ii) por equivalência - referência, substituição, *elipse* e *isossemia* (*recorrência sémica* manifestada nos laços abrangidos na *coesão lexical pura*).

? Na sua noção de *coesão*, Fonseca (1992) adopta uma óptica pragmático-comunicativa que integra, além das dimensões centrais focadas por Halliday-Hasan (1976), outras, fortemente operantes na configuração da unidade e da continuidade semânticas do texto, cuja caracterização requer, iniludivelmente, a consideração das coordenadas da enunciação. No entanto, para a configuração clara dessa noção interessa, primeiro, caracterizar a noção de *coerência*.

2.2.2 Conectividade Conceptual ou Coerência

Segundo Brown-Yule (1983:223-224), uma das ilusões que persiste na análise da linguagem é aquela segundo a qual nós compreendemos o significado de uma

¹⁵ in Fonseca (Op. Cit., p.27).

mensagem linguística, somente, na base das palavras e da estrutura das frases usadas para exprimir essa mensagem. De acordo com estes autores, é um erro pensar que nós operamos apenas com este *input* literal para a nossa compreensão, simplesmente porque precisamos de mais informação.

Quer dizer, em adição ao nosso conhecimento sobre a estrutura frásica, nós possuímos, também, um conhecimento de outros padrões, nos quais a informação é veiculada (*Ibid.*). É assim que a conectividade conceptual ou coerência surge, na óptica de Mateus et al (1989:146), como um factor de textualidade que resulta da interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo. Ela diz respeito à interdependência semântica das ocorrências textuais resultantes dos processos mentais de apropriação do real, e da configuração e conteúdo dos esquemas cognitivos que definem o nosso saber sobre o mundo (*Ibid.*:135).

Ainda de acordo com estas autoras, a coerência engloba tanto os mecanismos característicos do processo de apropriação do real pelo pensamento - que determinam a proposta e o reconhecimento de nexos lógicos entre ocorrências textuais - como os produtos desse processo - os esquemas que definem o saber acerca do mundo interiorizado pelo sujeito (*Ibid.*). Deste modo, a *normalidade assumida* dos mundos envolvidos, é uma condição cognitiva importante da coerência semântica (van Dijk, 1977:99).

Isto é, as nossas expectativas sobre as estruturas semânticas do discurso são determinadas pelo nosso *conhecimento* sobre a estrutura dos mundos [envolvidos], em geral, e de estados de coisas particulares ou cursos dos acontecimentos (*Ibid.*).

Quer isto dizer que a *coerência* resulta, frequentemente, da activação de informações semânticas implícitas, não verbalizadas, que pertencem ao universo de conhecimento do receptor (Cf. Reis-Lopes, 1987:65), isto é, o seu "saber" (e a sua experiência) imediatamente sobre a situação de comunicação e o tema do texto, mas também sobre o mundo em geral, sobre as "coisas", as "crenças", os universos simbólicos e outras

representações agregadas, numa dada comunidade sócio-cultural, às "coisas"... (Fonseca, Op. Cit., p.47).

Neste sentido, o conceito de *coerência* é sempre relativo, na medida em que as conexões de índole pragmática dependem dos quadros de referência, do conhecimento do mundo, da "enciclopédia" do receptor (Cf. Reis-Lopes, 1987:65).

Por outro lado, está visto que o problema da *coerência textual* não só se põe ao nível *inter-enunciado* (ou *interfrásico*) - como uma propriedade semântica do discurso baseada na interpretação de cada frase individual em relação à interpretação de outras frases (van Dijk, 1977:93) -; este problema também se põe ao nível da própria *textura externa* como aquilo que no texto testemunha a sua ligação ao contexto, ou seja, o que no texto indica o seu carácter apropriado ou adequado ao contexto em que é produzido (Cf. Fonseca, Op. Cit., p.91, nota (6)). É este indicador do carácter apropriado ou adequado ao contexto em que é produzido que confere ao texto uma consistência própria concretizada, por um lado, basicamente numa *continuidade temática* e, por outro, numa certa *uniformidade* ou *homogeneidade* no que tange a aspectos variados, nomeadamente, ao nível de língua e ao "género" (Ibid.:8).

Trata-se, em última análise, de uma questão que se prende, segundo Mateus et al (Op. Cit., p.146-147), à suposição da *normalidade* do(s) mundo(s) criado(s) por um texto:

um texto é coerente se os elementos/esquemas cognitivos activados pelas expressões linguísticas forem conformes àquilo que sabemos ser (i) a estrutura dos estados, processos e eventos; (ii) as relações lógicas entre estados e coisas; (iii) as propriedades características dos objectos de um mundo 'normal'.

Deste modo, pode-se afirmar que a *coerência* tem a ver com a compatibilidade ou conformidade entre os elementos cognitivos activados pelas expressões linguísticas e o "mundo possível" que constitui o universo de referência do texto (Reis-Lopes, Op. Cit.). Quer dizer, "a compreensão do texto desenvolve-se na base desta interacção entre o verbalizado e o universo de conhecimento do receptor" (Fonseca, Op. Cit., p.48).

Mas, se por um lado, a *coerência* releva de um *plano exterior e autónomo* (mas não alheio) a uma e qualquer LN - que é o que perfaz o *universo de discurso* -, por outro, os "objectos" e o que deles se predique, os factos, os acontecimentos que preenchem *este universo* devem distribuir-se por sucessivos enunciados [ou frases] de molde a que, cumulativamente, não dêem lugar - quer entre eles, quer em relação aos já manifestados - nem a *tautologia*, nem a *contradição*, mas que se *interconectem* na base de uma recíproca relevância, ou seja, se dêem mutuamente acesso (Cf. Fonseca, *Ibid.*:32).

É a partir desta base que Metzeltin (1981:131) fala em *coerência* "quando um elemento reactiva a imagem/o aspecto igual ou parecido de outro já citado" privilegiando, deste modo, a *técnica da repetição* para o estabelecimento dos fenómenos de coerência. Trata-se de uma condição que significa ausência de rupturas temáticas bruscas e possibilidade de articular linearmente, do ponto de vista semântico, segmentos subsequentes do texto (Reis-Lopes, 1987:64-65).

As *anáforas* e outros *processos de co-referência*, a *iteração* de unidades léxicas que comportam semas afins e subsequente configuração de isotopias, *substituições lexicais* por *sinonímia*, *hiperonímia* ou *hiponímia*, constituem mecanismos linguísticos que, funcionando como processos de sequencialização, asseguram uma ligação semântica entre os elementos da superfície textual. São estes mecanismos que favorecem o desenvolvimento temático contínuo, estabelecendo um fio condutor no interior do espaço textual (*Ibid.*)

No entanto, de acordo com Reis-Lopes (*Op. Cit.*, p.65), privilegiar a técnica da repetição não significa que um texto coerente seja um texto integralmente redundante: "a construção da *coerência textual* implica também progressão remática, isto é, progressão de informação no interior do texto". É assim que estes autores se referem à *estrutura temática* e à *renovação da informação* a nível transfrásico, associadas a uma *progressão semântica* que só é geradora de *coerência* se os elementos cognitivos fornecidos pelo *rema* forem relevantes acerca do *tema* a que se referem.

Este tipo de abordagem remete-nos ao tratamento da *coerência textual* ao nível *supra-enunciado* (ou *supra-frásico*), como resultado de uma análise das relações semânticas

inter-frásicas que, através da *progressão temática*, nos levam, sucessivamente, a um *nível mais elevado*, um *nível mais global* - o *nível macroestrutural* (Cf. Reis-Lopes, 1987:221).

Quer dizer, a *coerência* traduz-se na interligação consequente dos conteúdos manifestados em cada um dos enunciados [ou frases] em sequência que concretizam o texto. Esta interligação é assegurada pela continuidade típica desta unidade linguística, sobre que repousa a possibilidade de se lhe atribuir um *sentido global* (Fonseca, Op. Cit., p.31).

Por sua vez, a continuidade de sentido típica do texto assenta na congregação do *designado* (entendido como o mundo das "coisas" para que remete o signo linguístico), na sua distribuição por sucessivos enunciados - de molde a que, cumulativamente, como já fora referido, não dêem lugar nem a *tautologia*, nem a *contradição*, mas que se interconectem na base de uma recíproca relevância (Cf. Fonseca, Ibid:31-32). Isto é, o mundo textual será *coerente* se os factos, os acontecimentos, as situações, recriados no texto, se interligam à imagem e semelhança do que ocorre no mundo "real", *cognitivamente ordenado* pelos falantes enquanto seres inteligentes, ou num "mundo possível" imediata ou derivadamente acessível na base dos referidos princípios da construção do conhecimento e do exercício do pensamento (Ibid.:59).

Deste modo, pode-se dizer, na esteira de Fonseca (1992:73), que enquanto a *coerência* é o princípio que domina a produção verbal, independentemente da LN em que se concretiza, e nela acautela a conformidade do mundo recriado nos signos com o *mundo cognitivamente ordenado* para que apontam, a noção de *coesão* diz respeito aos nexos que, por um lado, suportam a constituição das *unidades extensas* por que uma LN se actualiza em discurso (respondendo imediatamente pela "boa formação" do Sintagma, do EN, e do *transfrástico*) e, por outro lado, aos que, em congregação com os primeiros, e de modo explícito ou implícito, se instauram entre as informações veiculadas nesses mesmos *signos extensos*.

No entanto, apesar desta distinção, coesão e coerência são conceitos estreitamente interligados, sendo separáveis, apenas, por objectivos didácticos. Quer dizer,

eles se congregam intimamente na descrição-explicação dos produtos verbais devendo, o estudo da *coesão* dos *signos extensos*, ser feito em estreita articulação com a consideração da sua *coerência*, tomada como um princípio que, relevando de um *plano lógico-conceptual*, influencia decisivamente, nos termos indicados, o exercício verbal e seus produtos.

Por sua vez, no que concerne às *unidades frásicas*, o estudo da *coesão* contará, assim, como momento central, a captação dos modos por que o *plano conceptual informa* tanto a estruturação básica desses *signos extensos* como a configuração neles de valores e relações semânticas fundamentais.

3. MÉTODO DE PESQUISA

3.1 O *corpus*

Tal como tivemos oportunidade de referir na introdução, o romance *Terra Sonâmbula* do escritor moçambicano Mia Couto constitui o *corpus* do presente trabalho. Trata-se de um romance de duzentas e vinte (220) páginas, dividido em vinte e duas (22) partes, nomeadamente, onze (11) capítulos e igual número de "cadernos".

A opção de considerar a totalidade do romance como *corpus* deste estudo baseou-se na necessidade de, em conformidade com as hipóteses colocadas, e dada a dimensão macroestrutural da nossa análise, se fazer um estudo da **coesão e coerência** da obra no seu todo.

3.2. Selecção de dados

Do *corpus* acima referido foram seleccionados oitenta e cinco (85) extractos (Vejam-se Anexos 1) que, reunidos em trinta e um (31) grupos, constituem a base de dados usada neste estudo.

3.2.1. Critérios de selecção

A fixação numérica dos extractos em 85 (amostra bastante reduzida para um romance de 220 páginas) teve em conta a natureza limitativa do presente trabalho, e a própria extensão da obra, para uma abordagem mais global. Contudo, a nossa preocupação foi a de seleccionar aqueles extractos que, na nossa óptica, nos pareceram ir de encontro aos objectivos gerais da nossa pesquisa podendo, desse modo, suportar as hipóteses definidas na nossa introdução. Assim, adoptamos os seguintes critérios:

(i) seleccionar extractos que, pertencendo a uma mesma unidade diegética, contêm elementos de ligação inter-frásica que favorecem o estabelecimento de texturas específicas em cada uma das unidades diegéticas a que pertencem, e que designamos por Extractos-I (aspecto referido na hipótese 2.);

(ii) seleccionar extractos que contenham elementos de ligação entre as várias unidades diegéticas, Extractos-II (aspecto referido na hipótese 1.);

(iii) seleccionar extractos cujos elementos de ligação parecem concorrer para conferir uma estrutura circular à obra, ao nos remeterem - quando captados no final - ao seu início, Extractos-III (aspecto referido na hipótese 3.).

Assim, por questões metodológicas, a nossa base de dados ficou subdividida em (i) Extractos-I, (ii) Extractos-II e (iii) Extractos-III.

3.2.2 Procedimentos

De acordo com os critérios acima definidos, e tomando em conta os propósitos e as hipóteses que nortearam este estudo, estabelecemos três níveis de tratamento dos dados, correspondendo a cada nível uma grelha específica. Tratam-se de níveis que contêm, basicamente, duas dimensões de análise, nomeadamente, a dimensão da conectividade sequencial ou coesão textual, e a dimensão da conectividade conceptual ou coerência textual.

São os seguintes os níveis estabelecidos e as respectivas grelhas:

3.2.2.1 Nível intradiegético

Com o estabelecimento deste nível pretendemos, a partir dos elementos de ligação detectados no interior de cada unidade diegética, mostrar como é que o autor do romance *Terra Sonâmbula* constrói uma conectividade sequencial intrínseca a cada uma das unidades referidas, conferindo-lhes texturas específicas. Este aspecto tem a ver com a nossa primeira dimensão de análise, a da coesão textual.

Mas, simultaneamente, procuramos detectar os mecanismos que o autor usa na construção da conectividade conceptual imanente a cada unidade diegética. Neste sentido, foram consideradas basicamente duas condições cognitivas sobre a coerência de um texto, nomeadamente, a ordem linear das sequências textuais, que deve ser isomórfica da ordenação temporal relativa dos factos descritos e o reconhecimento de uma relação causa-consequência entre os estados de coisas que tais sequências descrevem (Mateus et al, Op. Cit., p.147). Trata-se de um tipo de tratamento que se associa à segunda dimensão da nossa análise, a da coerência textual.

3.2.2.2 Nível interdiegético

Neste nível faz-se um tratamento semelhante ao anterior, porém, num grau mais elevado. Quer dizer, relaciona-se com a captação dos mesmos aspectos referidos no nível intradiegético, mas a sua aplicação por parte do autor aponta, por um lado, para a atribuição de uma conectividade sequencial global à obra - por recorrência a mecanismos específicos de ligação entre as várias unidades diegéticas constantes do romance - e, por outro, para a atribuição de uma conectividade conceptual, também global - por associação dos diversos designados constantes de cada uma das unidades diegéticas. E tal como o nível anterior, este também abrange as duas dimensões básicas da nossa análise.

quais?

o que é isto?

3.2.2.3 Nível da Estrutura Circular da Obra

A grelha deste nível circunscreve-se a aspectos detectados no final da obra e que, necessariamente, nos remetem ao seu início. Assim, tomando como base alguns extractos finais e iniciais da obra, quisemos, neste nível, verificar o estabelecimento de uma conectividade sequencial e de uma conectividade conceptual entre o final da obra e o seu início, o que concorre para conferir uma estrutura circular à obra. Deste modo, procuramos evidenciar alguns elementos de ligação detectados nos extractos ora referidos, já que é

nesses elementos de ligação que assenta a atribuição de uma estrutura circular à obra - quer do ponto de vista da conectividade sequencial, quer do ponto de vista da conectividade conceptual. *o que é isto? Como dizer?*

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 Nível Intradiegético

4.1.1 Dimensão da Conectividade Sequencial ou Coesão

est. parte dos 'laços'
no livro está no capítulo
de 'Análise de Dados', mas
não está 'de volta de Liberdade' na
parte sobre os capítulos?

re. capitulação

Como já foi anteriormente referido, a Conectividade Sequencial ou Coesão diz respeito ao tipo de conectividade em que a interdependência semântica das ocorrências textuais resulta de processos linguísticos de sequencialização dos elementos linguísticos (Mateus et al, Op. Cit., p.135). Ela distingue um texto de uma sucessão heteróclita ou aleatória de enunciados (Aguar e Silva, Op. Cit., p.634).

Assim, a partir da análise feita aos Extractos-I, foi possível verificar que o autor da obra em estudo recorreu ao estabelecimento de diferentes tipos de laços semânticos para organizar, sequencialmente, a forma de cada uma das histórias do seu romance, conferindo-lhes, consequentemente, texturas internas específicas. Esses tipos de laços são os seguintes:

a que se referem? O que é isto? etc!
Holliday & Hule
A expressão surge em ser
só os arts. de p. d.

afinal é Holliday & Hule! Mas se faz referência à obra fora
das que criaram a obra? Continuação & outros pontos

(i) a **Referência (Rf.)** é tomada, quer como *co-referência* (ou *referência endofórica*), quando um ou mais fragmentos textuais (b, c, d,...) são interpretados como idênticos a um dado fragmento textual a, presente no discurso anterior ou subsequente, quer quando, numa situação concreta de comunicação, um dado objecto é levado ao conhecimento do alocutário, pela primeira vez nessa situação, através de uma dada instrução linguística formulada pelo locutor, cuja forma varia em função do conhecimento que este tem, e pressupõe que o alocutário tenha, do referido objecto, isto é, *referência exofórica (exo)*. (Cf. Mateus et al, Op. Cit., p.143-144);

(ii) a **Reiteração (Rt.)** é tomada como a repetição de expressões linguísticas cuja contiguidade semântica caracteriza-se pela identidade dos traços semânticos (Ibid:146);

(iii) a **Substituição (Sb.)**, que é um dos processos da **Coesão Lexical**, é aqui tomada nas quatro formas possíveis da sua realização: por **sinonímia (sn)** - quando as expressões linguísticas seleccionadas têm a maior parte dos traços semânticos idêntica -; por **antonímia (ant)** - quando as expressões linguísticas seleccionadas têm traços semânticos opostos -; por **hiperonímia (hipe)** - quando a primeira expressão mantém, com a segunda, uma relação classe-elemento e, por **hiponímia (hipo)**, quando a primeira expressão mantém com a segunda uma relação elemento-classe (Ibid.);

(iv) a **Elipse (El.)**, que constitui um dos processos da **co-referência**, é aqui tomada como a realização θ (zero) de um termo anafórico, isto é, aquele termo da cadeia anafórica que é sintacticamente uma categoria vazia, sendo, a cadeia anafórica, o conjunto de fragmentos textuais co-referentes (Cf. **Ibid:144-145**). Assim, são os seguintes os exemplos de laços semânticos detectados:

(1a) "(...) ele(1) estava no campo de deslocados (...). Uma noite lhe(1) pediram para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas. Os corpos(3) estavam numa cabana, por baixo de uma velha lona."

(1b) "Tuahir(3) ajudou a arrastar os corpos(3) para um buraco. Enquanto (0) puxava pelas pernas frias(3) (0) se admirava daquele peso tão diminuto. (0) Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando (0) reparou com espanto: os dedos(3) de uma das crianças se cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos(2) se agarravam à vida lutando contra o abismo. Aquela criança(2) ainda respirava."

(1c) "- Parem,(0), aquele miúdo(3) ainda está vivo!

Os restantes coveiros(3) se entreolham duvidosos. E (0) voltam a puxar os corpos(3) (...). Tuahir(2) suplica que (0) parem, os outros(3) se imperturbam (...). O velho(3) sai do grupo(3), (0) não tem coragem para sepultar um vivente(3). Já o menino(3) se afundava em areias que (0) atiravam no buraco quando ele(1) se recordou:

- Deixem esse(1): é meu sobrinho...
- E você cuida dele(1)?
- Sim, eu lhe(1) trato."

O **Quadro-I**, a seguir, sistematiza estes laços.

Quadro-I - Sistematização dos laços semânticos dos extractos 1a-c

(1a)	Rf.	1,1(an)	lhe, ele -> Tuahir
	Sb.	3(sn)	Os corpos -> seis crianças recém-falecidas
(1b)	Rt.	2	aqueles dedos -> os dedos
		2	aquela criança -> uma das crianças
	El.	0,0,0,0	[-],[-],[-],[-] -> Tuahir
	Sb.	3(sn) 3(sn) 3(hipo) 3(hipo) 3(hipo)	Tuahir -> o velho os corpos -> as crianças pernas frias -> corpos Os dedos -> uma das crianças Uma das crianças -> seis crianças recém...
(1c)	El.	0	[-] -> coveiros
		0,0	[-],[-] -> os restantes coveiros
		0	[-] -> o velho
		0	[-] -> os restantes coveiros
	Sb.	3(sn) 3(hipo) 3(sn) 3(sn) 3(sn) 3(sn) 3(sn)	aquele miúdo -> aquela criança os restantes coveiros -> os coveiros os outros -> os restantes coveiros grupo -> os coveiros O velho -> Tuahir um vivente -> aquele miúdo o menino -> um vivente
	Rt.	2 2	os corpos -> os corpos Tuahir -> Tuahir
(1c)	Rf.	1(an)	ele -> O velho
		1(exo)	esse -> o menino
		1,1(an)	lhe, dele -> o menino

Sendo a referência, a elipse, a reiteração e a substituição, processos linguísticos que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual (Cf. Mateus et al, Op. Cit., pp. 137-146), a sua ocorrência nos extractos acabados de ver sugere uma preocupação, por parte do autor, de assegurar esse tipo de ligação, conferindo, conseqüentemente, uma

organização sequencial aceitável e adequada às ocorrências textuais daí decorrentes. Numa primeira fase, esse tipo de ligação linguística pode ser representado do seguinte modo:

(1a) [Tuahir]->...->1<->1 # [seis crianças recém-falecidas]<->3.

(1b) [Tuahir]->3 # [os corpos]->3 # [Tuahir]->0 # [pernas frias]->3 # [Tuahir]->0<->0<->0 # [os dedos]->3<->[Sb(hipo)]<->[uma das crianças]->3<->[Sb(hipe)]<->[aqueles dedos]->2<->[Sb(hipo)]<-> [aquela criança]->2.

(1c) [coveiros]->0<->[Sb(ant)]<->[aquele miúdo]->3<->[Sb(ant)]<-> [os restantes coveiros]->3<->0 # [os corpos]->2<->[Sb(ant)]<-> [Tuahir]->2 # [os restantes coveiros]->0<->3<->[Sb(ant)]<->[O velho]->3<->[Sb(hipo)]<->[grupo]->3<->[Sb(hipe)]<->[velho]->0 # [um vivente]->3<->3<->[Sb(ant)]<->[os restantes coveiros]->0 # [Tuahir]->1 # [aquele miúdo]->1<->1<->1.

É, pois, esta ligação linguística que, ocorrendo entre os elementos textuais dos extractos acima, concorre para lhes conferir uma coesão e uma textura interna específicas. No entanto, e tal como se pode notar pela presença de fronteiras entre as diferentes cadeias semânticas, esta esquematização revela-se inadequada, pois que sugere a inexistência de qualquer tipo de ligação semântica entre os elementos posicionados de um lado e do outro de uma mesma fronteira. Quer dizer, tomados apenas os mecanismos de coesão textual ora vistos, nomeadamente, a referência, a elipse, a reiteração e a substituição, não são claros os laços semânticos que ligam os elementos textuais acima referidos; logo, é necessário considerar outros mecanismos linguísticos usados pelo autor, por forma a clarificar esses laços, evidenciando, desse modo, os mecanismos linguísticos usados para conferir uma coesão textual específica aos extractos acima. Assim, além dos laços semânticos já referidos, consideramos, igualmente, os seguintes, nos quais:

*Condição = intervalo de tempo
ao mesmo tempo que se sucedendo a ambiente
do corpo!*

(i) - a **Coesão Frásica (CF)**, entendida como o processo de sequencialização que assegura, a nível sintagmático e oracional, uma ligação significativa entre os elementos linguísticos que ocorrem na superfície textual (Cf. Mateus et al, Op. Cit., p. 137), é aqui tomada, apenas, como aquele tipo de mecanismo linguístico que assegura a identificação (ou recuperabilidade) da estrutura de argumentos de um dado predicador, marcando a relação gramatical que cada argumento mantém, na superfície, com o predicador (**Ibid:138**). Sendo o *predicador* o elemento central deste tipo de relação, é por nós usado, na **CF**, para marcar a ocorrência deste tipo de mecanismo;

(ii) - a **Coesão Temporal (CT)**, mecanismo linguístico em que a sequencialização dos enunciados satisfaz as condições conceptuais sobre localização temporal e ordenação relativa que sabemos serem características dos estados de coisas no mundo seleccionado pela referida sequência textual (**Ibid:142**), é aqui tomada como a ordenação temporal entre dois estados de coisas, expressa por subordinação, portanto, contendo uma oração com um sentido explicitamente temporal. Neste caso, usamos o *conector temporal* para marcar a ocorrência deste tipo de laço semântico;

(iii) - a **Coesão Interfrásica (CI)**, que designa os processos de sequencialização que exprimem vários tipos de interdependência semântica das frases que ocorrem na superfície textual, nomeadamente, a **conjunção (conjun.)** - que articula sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais se verificam no intervalo de tempo de um dado mundo seleccionado pelo texto -; a **disjunção (disjun.)** - que conecta sequencialmente frases exprimindo conteúdos proposicionais alternativos; a **contrajunção (contrajun.)** - que liga duas frases cujas situações descritas contrastam entre si, e, a **subordinação** que conecta sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais mantêm entre si uma relação hierárquica de dependência semântica, também chamadas **condicionais (cond.)** (Cf. Mateus et al, Op. Cit., pp.137-140).

(1a) "(...)ele estava no campo de deslocados (...). Uma noite lhe pediram[CF] para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas.(...)"

(1b) "Tuahir ajudou[CF] a arrastar os corpos para um buraco. Enquanto[CT] puxava[CF] pelas pernas frias (...). Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, quando[CT] reparou com espanto: os dedos de uma das crianças se cravavam no chão.(...)."

(1c) "Os restantes coveiros se entreolham(...). E voltam a puxar[CF] os corpos (...). Tuahir suplica[CF] que parem, os outros se imperturbam (...). O velho sai do grupo, não tem coragem para sepultar[CF] um vivente. Já o menino se afundava em areias que atiravam no buraco quando[CT] ele se recordou[CF]:

- Deixem esse: é meu sobrinho... [...]"

O Quadro-I', a seguir, sistematiza estes outros laços:

Quadro-I' - Sistematização dos laços semânticos de 1a-c.

(1a)	L.2	pediram	CF
(1b)	L.4	ajudou	CF
	L.5	Enquanto	CT
		puxava	CF
	L.7	quando	CT
(1c)	L.13	puxar	CF
		suplica	CF
	L.15	sepultar	CF
	L.16	quando	CT
	L.17	recordou	CF

Chegados aqui, a esquematização da coesão e textura interna específicas aos extractos 1a-c, apresenta a seguinte configuração:

(1a) [Tuahir]->...->1<->1<->[CF]<->[seis crianças recém-falecidas]<->3.

(1b)[Tuahir]->3<->[CF]<->[os corpos]->3<->[CT]<->[Tuahir]->0<->[CF]<->[pernas frias]->3<->[CT]<->[Tuahir]->0<->0<->0<->[CT]<-> [os dedos]->3<->[Sb(hipo)] <->[uma das crianças]->3<->[Sb(hipe)] <->[aqueles dedos]->2<->[Sb(hipo)] <->[aquela criança]->2.

(1c) [coveiros]->0<->[Sb(ant)]<->[aquele miúdo]->3<->[Sb(ant)]<-> [os restantes coveiros]->3<->0<->[CF]<->[os corpos]->2<-> [Sb(ant)]<->[Tuahir]->2<->[CF] <->[os restantes coveiros]->0<->3<->[Sb(ant)]<->[O velho]->3<->[Sb(hipo)] <->[grupo]->3<->[Sb(hipe)]<->[velho]->0<->[CF]<->[um vivente]->3<->3<-> [Sb(ant)]<->[os restantes coveiros]->0<->[CT]<->[Tuahir]->1<-> [CF]<->[aquele miúdo]->1<->1<->1.

Trata-se de um tipo de ligação linguística presente ao longo de toda a unidade diegética representada pelos extractos 1a-f (Veja-se Anexos-2, Texto-1) e que sugere, efectivamente, a preocupação do autor em conferir uma organização sequencial aceitável e adequada a esta unidade. Os Quadros II e II', a seguir, sistematizam os laços semânticos que ocorrem nos restantes extractos que constituem a I Unidade Diegética, nomeadamente, os extractos 1d, 1e e 1f.

Quadro - II : Sistematização dos laços semânticos de 1d-f.

(1d)	Sb.	3(sn)	o miúdo -> um vivente
		3(sn)	o menino -> o miúdo
		3(sn)	Tuahir -> o velho
		3(sn)	o moribundo -> o menino
		3(sn)	o velho -> Tuahir
		3(sn)	o moço -> moribundo

(1e)	Rf.	1,1(an)	ele, lhe -> o menino
		1(exo)	este -> o moribundo
	El.	0	[-] -> O velho
	Rt.	2	o menino -> o menino
		2	Tuahir -> Tuahir
		2	o velho -> o velho
		2	o miúdo -> o miúdo
	Sb.	3(sn) 3(sn) 3(sn) 3(sn) 3(sn)	a criança -> o menino Tuahir -> o velho Muidinga -> a criança o rapaz -> Muidinga o miúdo -> o rapaz
	Rf.	1(an) 1,1,1(exo) 1(an)	lhe -> Muidinga lhe, lhe, seu -> Muidinga nele -> Muidinga
	El.	0,0 0,0	miúdo -> [], []. o velho -> [], [-].
(1f)	Sb.	3(sn)	Muidinga -> o miúdo
		3(sn)	uma criança -> Muidinga
		3(sn)	Muidinga -> uma criança
		3(hipe)	nome -> Muidinga
	Rt.	2	o velho -> o velho
	Rf.	1(exo)	seus -> (d)o velho
		1(exo)	Te -> Muidinga
	1(exo)	seu -> (d)o velho	
El.	0, 0	o velho -> [], [].	

Quadro - II'

(1d)	L.24	pedia	CF
	L.26	E	CI(conjun)
		pensava	CF
	L.27	Mas	CI(contrajun)
	L.27	Nessa altura	CT

(1e)	L.32	puxou	CF
	L.33	prometeu	CF
		e	CI(conjun)
	L.43	ajudou	CF
(1f)	L.44	E	CI(conjun)
	L.50	decidiu	CF

A ocorrência destes laços semânticos nos extractos **1d-f**, acabados de sistematizar, prova a presença, ao longo de toda a unidade diegética representada pelos extractos 1a-f, de processos linguísticos de sequencialização das ocorrências textuais, que conectam entre si as frases ou enunciados, e mesmo parágrafos -contíguos ou não contíguos -, originando uma interdependência semântica dos elementos linguísticos. Este tipo de ligação pode ser demonstrado do seguinte modo:

Demonstração₁ (1a-f):

[Tuahir]->...->1<->1<->[CF]<->[seis crianças recém-falecidas]<->3 <->[Sb(ant)]<->
>[Tuahir]->2<->[CF]<->[os corpos]->2<->[CT]<-> [Tuahir]->0<->[CF]<->[pernas frias]->3<->[CT]<->[Tuahir]->0<->0<->0<->[CT]<->[os dedos]->3<->[Sb(hipo)]<->
>[uma das crianças]-> 3<->[Sb(hipe)]<->[aqueles dedos]->2<->[Sb(hipo)]<->[aquela criança]->2<->[Sb(ant)]<->[coveiros]->0<->[Sb(ant)]<->[aquele miúdo]->3<->
>[Sb(ant)]<->[os restantes coveiros]->3<->0<->[CF]<-> [os corpos]->2<->
>[Sb(ant)]<->[Tuahir]->2<->[CF]<->[os restantes coveiros]->0<->3<->[Sb(ant)]<->
>[O velho]->3<->[Sb(hipo)]<-> [grupo]->3<->[Sb(hipe)]<->[velho]->0<->[CF]<->
>[um vivente]->3<-> 3<->[Sb(ant)]<->[os restantes coveiros]->0<->[CT]<->[Tuahir]->
>1<->[CF]<->[aquele miúdo]->1<->1<->1<->3<->3<->1<->[Sb(ant)]<-> [Tuahir]->
>3<->[CF]<->[o menino]->1<->3<->[CI]<->[o velho]->3<-> [Sb(ant)]<->[o moribundo] ->1<->[CI]<->[o velho]->0<->[Sb(ant)]<->[o moço]->3<->2<->3<->
>[Sb(ant)]<->[Tuahir]->3<->0<->[CF]<-> [Muidinga]->3<->[CI]<->[Tuahir]->0<->

>[CF]<->[Muidinga]->1<->1<-> 1<->[Sb(ant)]<->[Tuahir]-> 2<->[Sb(ant)]<->[o rapaz]->3<->1<->1<->3<->0<->0<->[CI]<->[o velho]->2<->[CF]<->[o miúdo]->2<->[CI]<->[o velho]->0<->[CI]<->[Muidinga]->3<->3<->[Sb(ant)]<->[o velho]->2<->1<->0<->0<->[Sb(ant)]<->[Muidinga]->1<->3<->[CF]<->[o velho]->0<->[Sb(ant)]<->[nome]->3<->[Sb(ant)]<->[o velho]->1.

Daqui se constata que o complexo de laços semânticos usado pelo autor, na construção da unidade diegética representada por **1a-f**, confere uma ligação linguística significativa entre as ocorrências textuais de toda a unidade. É esta conexidade entre as entidades textuais que, suturando adequadamente a sucessão dos enunciados, assegurando a continuidade e a progressão informativas, (Aguiar e Silva, *Op. Cit.*, p.635), por um lado, e porque resultando de processos linguísticos de ordenação linear dos seus elementos (Mateus et al, *Op. Cit.*, p.135), por outro, está na base da construção de uma *coesão* específica a esta I Unidade Diegética.

Uma análise feita às unidades diegéticas representadas por **2a-e** e **3a-e**, também dos **Extractos-I**, leva às mesmas constatações (**Textos 2 e 3, Anexos-2**). Os **Quadros III e III', IV e IV'**, sistematizam, em seguida, os laços semânticos detectados nos extractos que representam aquelas duas unidades.

Quadro - III : Sistematização dos laços semânticos de 2a-e.

(2a)	Sb.	3(sn) 3(sn)	O homem -> O pai de Nhamataca um só indivíduo -> O homem
	El.	0	O homem -> [-]
	Rf.	1(an)	lhe -> O homem
(2b)	Rf.	1(an)	lhe -> O homem

(2b)	Sb.	3(hipo) 3(sn) 3(hipe) 3(sn) 3(sn) 3(sn) 3(sn)	uma voz -> vulto de um gentílico o velho -> O homem vulto de um gentílico -> uma voz o pai -> o velho o outro -> vulto de um gentílico a miragem -> o outro o velho -> o pai
	El.	0, 0	o pai -> [-], [-].
(2c)	Sb.	3(sn) 3(sn) 3(sn)	o outro -> a miragem o desconhecido -> o outro o outro -> o desconhecido
	Rf.	1, 1, 1(an)	lhe, ele, lhe -> o velho
	Rt.	2	o outro -> o outro
	El.	0, 0, 0	o velho -> [-], [-], [-].
(2d)	Rf.	1(an)	ele -> o velho
	Sb.	3(sn)	O pai de Nhamataca -> o velho
	Rf.	1(an) 1(exo) 1, 1, 1(an)	ele -> O pai de Nhamataca sua -> (d)o pai de Nhamataca ele, o, o -> O pai de Nhamataca
(2e)	Sb.	3(sn) 3(hipo) 3(hipe) 3(sn)	o vulto -> o outro braços fortes -> o personagem o personagem -> braços fortes uma mulher -> o personagem
	El.	0, 0	O pai de Nhamataca -> [-], [-].

Quadro - III'

(2b)	L.57	pareceu chegar	CF
	L.58	[pausa]	CI(cond)
	L.60	Mas	CI(contrajun)
	L.62	Durante dias	CT
(2c)	L.64	contudo	CI(contrajun)
	L.66	[pausa]	CI(cond)
	L.67	tivesse tentado avisar	CF
	L.68	Ou	CI(disjun)
(2e)	L.74	Porém	CI(contrajun)
	L.75	[pausa]	CI(cond)
	L.77	puxaram	CF
	L.79	descobriu	CF

A ocorrência dos laços semânticos sistematizados nos **Quadros III e III'**, permite o estabelecimento de ligações linguísticas fluídas ao longo de toda a unidade diegética representada por **2a-e**, o que evidencia a existência de uma **textura** e de uma **coesão textual** específicas a esta **II Unidade Diegética**, como se pode demonstrar:

Demonstração₂ (2a-e):

[O homem]->3<->0<->1<->3<->1<->[CF]<->[uma voz]->3<->[CI]<->[o velho]->3<->[CI]<->[vulto de um gentílico]->3<->[Sb(ant)]<->[o pai]->3<->0<->[Sb(ant)]<->[o outro]->3<->[CI]<->[o pai]->0<-> [Sb(ant)]<->[a miragem]->3<->[CT]<->[o velho]->3<->[CI]<->[o outro]->3[CI]<->[o velho]->1<->[Sb(ant)]<->[desconhecido]->3<-> [CI]<->[o velho]->0<->[CI]<->[o outro]->3<->[CF]<->[o velho]->1

<-> [CI]<->[o outro]->3<->[CI]<->[o velho]->0<->0<->0<->1<->3<-> [CI]<-> [pai de Nhamataca]->1<->1<->0<->[CI]<->[o vulto]->3<-> [Sb(ant)]<-> [o pai de Nhamataca]->1<->[Sb(ant)]<->[Braços fortes]->3<->[CF]<-> [o pai de Nhamataca]->1<->1<->0<->[CF]<->[o personagem]->3<->3.

Quadro - IV : Sistematização dos laços semânticos de 3a-e.

(3a)	Rf.	1(exo)	sua -> pastor
		1(exo)	seus -> o bicho
		1(an)	lhe -> o bicho
		1(an)	-lo -> o animal
	Sb.	3(hipo)	boizarão -> o bicho
		3(hipe)	o bicho -> boizarão
	3(sn)	o animal -> o bicho	
	3(sn)	o bicho -> o animal	
	3(hipo)	garça -> A ave	
	Rt.	2	O pastorzinho -> pastor
	El.	0, 0	O pastorzinho -> [-], [-].
(3b)	Sb.	3(hipe)	A ave -> garça
		3(hipo)	boi -> o animal
		3(hipe)	o ruminante -> boi
		3(hipo)	o bovino -> o ruminante
		3(hipo)	costados -> o bovino
		3(hipe)	o bicho -> o bovino
	Rf.	1(an)	nela -> a ave
		1,1(an)	ele, ele -> o bovino
		1(exo)	seu -> o pastor
	Rt.	2	O pastor -> O pastorzinho
	2	O pastor -> O pastor	

(3c)	Rt.	2	o pastor -> O pastor
		2	bezerro -> bezerro
	Sb.	3(hipo)	o boi -> o bicho
		3(hipe)	o bicho -> o boi
		3(hipo)	taurino -> o bicho
		3(sn)	bezerro -> taurino
		3(sn)	gato chifrudo -> bezerro
		3(hipe)	mamífero -> gato chifrudo
		3(ant)	uma ave -> mamífero
		3(hipo)	garça -> uma ave
Rf.	1(exo)	seu -> o boi	
	1(exo)	sua -> o bicho	
	1(an)	ele -> o bicho	
	1,1(an)	lhe, lhe -> gato chifrudo	
El.	0	o boi -> [-]	
	0	gato chifrudo -> [-]	
(3d)	Sb.	3(hipe)	o recente pássaro -> garça
		3(hipo)	uma outra garça -> o recente pássaro
		3(sn)	boi -> o recente pássaro
		3(sn)	transfigurado mamífero -> recente pássaro
		3(ant)	autêntica ave -> transfigurado mamífero
		3(sn)	habitante dos céus -> transfig. mamífero
		3(hipe)	recíprocos dois -> t.m.+ a.a. ¹⁶
		3(hipo)	o boi -> transfigurado mamífero
		3(hipe)	quadripedestre -> o boi

¹⁶ t.m.+ a.a.: transfigurado mamífero e autêntica ave.

(3d)	Rf.	1(exo)	seu -> o recente pássaro	
		1(exo)	essa -> outra garça	
		1(an)	lhe -> o recente pássaro	
	El.	0	transfigurado mamífero -> [-]	
	Rt.	2	o pastor -> o pastor	
(3e)	Sb.	3(hipo)	o boi -> o quadripedestre	
		3(hipe)	bicho -> o boi	
		Rt.	2	boi -> o boi
			2	O pastor -> O pastor
		El.	0	o boi -> [-]
			0	O pastor -> [-]
	Rf.	1(exo)	sua -> o boi	

Quadro - IV'

(3a)	L.89	[pausa]	CI(cond)
		E	CI(conjun)
	L.90	decidiu a segui[-lo]	CF
		então	CI(cond)
L.91	reparou	CF	
(3b)	L.93	[pausa]	CI(cond)
	L.94	se centrava	CF
	L.95	chambocava	CF
	L.99	[pausa]	CI(cond)

(3c)	L.102	pois que	CI(cond)
	L.110/111	fazia nascer	CF
(3d)	L.115	enquanto	CT
(3e)	L.124	contudo	CI(contrajun)
	L.129	assistira	CF
		e	CI(conjun)

Os laços semânticos detectados nos extractos 3a-e, acabados de sistematizar, também evidenciam o papel desempenhado por este complexo semântico para o estabelecimento de uma unidade semântica global, como se pode comprovar:

Demonstração₃ (3a-e):

[Pastor]->1<->[Sb(ant)]<->[boizarão]->3<->3<->1<->1<->[CI]<->[O pastorzinho]->3<->[CI]<->[o animal]->3<->[CI]<->[O pastorzinho]->0<->[CF]<->[o animal]->1<->[CI]<->[O pastorzinho]->0<->[CF]<->[o bicho]->3<->[Sb(ant)]<->[garça]->3<->3<->[CI]<->[o boi]->3<->[CF]<->[ave]->1<->[Sb(ant)]<->[o ruminante]->3<->[Sb(ant)]<->[O pastor] ->3<->[CF]<->[o bovino]->3<->1<->3<->1<->3<->[CI]<->[O pastor]->2<->1<->2<->[CI]<->[o boi]->3<->0<->1<->3<->1<->1<->3<->3<->2<->3<->0<->1<->1<->3<->[CF]<->[uma ave]->3<->3<->3<->1<-> [Sb(ant)]<->[uma outra garça]->3<->1<->[CT]<->[boi]->1<->3<->3<-> [Sb(ant)]<-> [autêntica ave]->3<->[Sb(ant)]<->[o transfigurado mamífero]->0<-> 3<->[Sb(hipo)]<->[os recíprocos dois]->3<-> [Sb(ant)]<->[O pastor]->2<->[Sb(ant)]<->[o boi]->3<->3<->[CI]<-> [o boi]->3<->2<->0<->[Sb(ant)]<->[O pastor]->2<->[CF]<->[o boi]->1<->[CI]<->[O pastor]->0<->[Sb(ant)]<->[o bicho]->3.

Como se vê, a detecção de marcas de uma interdependência semântica resultante de processos de sequencialização dos elementos linguísticos apresentados nas três unidades

diegéticas mostra como é que o autor do romance *Terra Sonâmbula* sutura entre si as ocorrências textuais daí decorrentes, conferindo texturas internas específicas a cada uma das unidades referidas, construindo, daí, uma **conectividade sequencial** intrínseca a cada uma delas.

4.1.2 Dimensão da conectividade conceptual ou coerência

A sequencialização das ocorrências textuais também tem uma importância vital na configuração da **coerência textual**. Esta, como já nos havíamos referido, é um factor de textualidade que resulta da interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo (Mateus et al, Op. Cit., p.146). Por isso, uma das condições para que esta compatibilidade, ou conformidade, entre os elementos cognitivos activados pelas expressões linguísticas e o "mundo possível" que constitui o universo de referência do texto (Reis-Lopes, 1987:65) se estabeleça, é a de que a **ordem linear das sequências textuais descrevendo sequências de factos seja isomórfica da ordenação temporal relativa dos factos descritos** (Cf. Mateus et al, Op. Cit., p.147).

Verificamos a satisfação desta condição mediante a aplicação da macro-regra de construção de van Dijk (1981), nas três unidades diegéticas. Da aplicação da macro-regra, obtivemos as sequências textuais que apresentamos a seguir, nos Quadros IV, V e VI.

Quadro - IV : Sistematização das Sequências Textuais da I Unidade Diegética

1	Tuahir estava no campo de deslocados
2	Uma noite, pediram-lhe para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas
3	Tuahir ajudou a arrastar os corpos
4	Enquanto puxava pelas pernas frias, Tuahir descobre uma criança ainda com vida

5	Tuahir resgatou a criança
6	A criança estava muito doente
7	Ele toma conta da criança
8	A doença da criança agrava-se
9	Tuahir conforma-se, esperando pela sua morte
10	A criança recupera-se de repente
11	Tuahir alegra-se
12	Tuahir dá-lhe um nome

**Quadro - V : Sistematização das Sequências Textuais
da II Unidade Diegética**

1	O homem vivia só, lamentando a sua solidão
2	Ele vivia nas margens de um rio largo
3	Um dia ouviu uma voz com a qual começou a trocar berros
4	A voz ouvia-se da outra margem do rio
5	Durante dias se repetiu a troca de berros
6	Mas um dia a outra voz se demorou
7	Ele teve um mau pressentimento
8	Decidiu ir ao encontro do desconhecido, lançando-se nas vagas, numa jangada improvisada
9	O homem afundava na travessia do rio largo
10	Foi salvo pelo vulto da outra margem
11	O vulto da outra margem era uma mulher
12	Juntos, trocaram amores no barquito sem rumo

**Quadro - VI : Sistematização das Sequências Textuais
da III Unidade Diegética**

1	O pastorzinho tinha um boizarão muito triste e solitário
2	O pastorzinho se agastava
3	O pastorzinho decidiu seguir o animal, de luz a lés
4	O pastorzinho descobre que a tristeza e solidão do seu boizarão se deviam à visão de uma garça
5	Apesar dos esforços do pastor, o bicho definhava-se, imobilizado e impedido, sem nada comer
6	Certa noite, o pastor viu o boi a transformar-se numa garça
7	O transfigurado mamífero acorreu em volejos ao encontro da autêntica garça, que entretanto se vislumbrara
8	Alí ficaram os dois em namoros despregados
9	O pastor garantiu que isso acontecia todas as noites de luar cheio
10	Um ano, a lua não apareceu durante meses seguidos
11	O boi morreu na trigésima noite

Tratam-se de sequências textuais que descrevem sequências de estados de coisas, de factos. Como tal, tais sequências obedecem às condições cognitivas gerais, satisfazendo aquilo que sabemos serem as relações lógico-semânticas entre estados de coisas num mundo normal (Mateus et al, *Op. Cit.*, p.147). Comparem-se com as seguintes, nos Quadros IV', V' e VI'.

Quadro - IV': I Unidade Diegética

1	Tuahir estava no campo de deslocados
2	Tuahir ajudou a arrastar os corpos
3	Enquanto puxava pelas pernas frias, Tuahir descobre uma criança ainda com vida
4	(*) Uma noite, pediram-lhe para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas

5	(?) A criança estava muito doente
6	Tuahir resgatou a criança
7	A doença da criança agrava-se
8	(?) Tuahir alegre-se
9	A criança recupera-se de repente
10	(?) Tuahir conforma-se, esperando pela sua morte
11	Ele toma conta da criança
12	Tuahir dá-lhe um nome

Quadro - V': II Unidade Diegética

1	O homem vivia só, lamentando a sua solidão
2	Ele vivia nas margens de um rio largo
3	(?) Durante dias se repetiu a troca de berros
4	Mas um dia a outra voz se demorou
5	A voz ouvia-se da outra margem do rio
6	(*) Um dia ouviu uma voz com a qual começou a trocar berros
7	Ele teve um mau pressentimento
8	(?) Foi salvo pelo vulto da outra margem
9	O vulto da outra margem era uma mulher
10	Juntos, trocaram amores no barquito sem rumo
11	(*) Decidiu ir ao encontro do desconhecido lançando-se nas vagas, numa jangada improvisada
12	O homem afundava na travessia do rio largo

Quadro - VI': III Unidade Diegética

1	O pastorzinho tinha um boizarão muito triste e solitário
2	O pastorzinho se agastava
3	O pastorzinho descobre que a tristeza e solidão do seu boizarão se deviam à visão de uma garça
4	O pastorzinho decidiu seguir o animal de luz a lés
5	Apesar dos esforços do pastor, o bicho definhava-se, imobilizado e impedido, sem nada comer
6	(?) O transfigurado mamífero acorreu em volejos ao encontro da autêntica garça, que entretanto se vislumbrara
7	(*) Certa noite, o pastor viu o boi a transformar-se numa garça
8	(?) Alí ficaram os dois em namoros despregados
9	O pastor garantiu que isso acontecia todas as noites de luar cheio
10	O boi morreu na trigésima noite
11	(?) Um ano, a lua não apareceu durante meses seguidos

Da observação dos Quadros IV', V' e VI', por oposição aos IV, V e VI, constatamos a existência de sequências textuais estranhas (?) e, mesmo, contraditórias (*), mesmo quando gramaticalmente correctas. Este fenómeno tem a ver com a violação da ordem linear das sequências textuais que descrevem as sequências de factos, nestes Quadros, que não está - de acordo com o nosso conhecimento do mundo - em conformidade com a ordenação temporal relativa dos factos descritos. Daí serem estranháveis e contraditórias.

Por outro lado, este facto evidencia que o autor da obra em estudo compatibiliza, nas unidades diegéticas representadas pelas sequências dos Quadros IV, V e VI, acima, as sequências textuais que descrevem os factos ou estados de coisas, com a ordenação

temporal relativa desses mesmos factos num mundo possível. Este procedimento constitui um factor importante na delineação da coerência textual.

O reconhecimento, nas sequências textuais formadas por subordinação semântica, de uma relação de **causa-consequência** entre os estados de coisas que tais sequências descrevem é uma outra condição cognitiva para o estabelecimento da **coerência textual** (Cf. Mateus et al, Ibid.). Sendo assim, e partindo da análise das sequências textuais apresentadas nos Quadros IV, V e VI, obtivemos as seguintes relações semânticas de **Causa-Consequência** (Quadros VII, VIII e IX):

Quadro - VII : Sistematização das Relações Causa-Consequência da I Unidade Diegética

N-	CAUSA	CONSEQUÊNCIA
1	Tuahir estava no campo de deslocados	Pediram-lhe para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas
2	Pedido de ajuda...	Tuahir ajudou a arrastar os corpos
3	Tuahir ajudou a arrastar os corpos	Tuahir descobre uma criança ainda com vida
4	Tuahir descobre uma criança ainda com vida	Tuahir resgata a criança
5	Tuahir resgata a criança	Tuahir toma conta da criança
6	A doença da criança agrava-se	Tuahir conforma-se, esperando pela sua morte
7	A criança recupera-se de repente	Tuahir alegra-se
8	Tuahir alegra-se	Tuahir dá um nome à criança: Muidinga

Quadro - VIII : Sistematização das Relações Causa-Consequência da II Unidade Diegética

N-	CAUSA	CONSEQUÊNCIA
1	O homem vivia só	O homem se lamentava
2	O homem vivia na margem de um rio largo	Um dia ouviu, da margem oposta, uma voz com a qual começou a trocar berros
3	Durante dias se repetiu a troca de berros	O homem suspirava pelo momento de gritar
4	Um dia o outro se demorou	O homem teve um mau pressentimento
5	O homem teve um mau pressentimento	Decidiu ir ao encontro do desconhecido
6	Decidiu ir ao encontro do desconhecido	Lançou-se nas vagas numa jangada improvisada
7	Lançou-se nas vagas numa jangada improvisada	O homem afundava na travessia do rio largo
8	O homem afundava na travessia do rio largo	É salvo pelo vulto da outra margem
9	O vulto da outra margem era uma mulher	Juntos, trocam amores no barquinho

Quadro IX : Sistematização das Relações Causa-Consequência da III Unidade Diegética

N-	CAUSA	CONSEQUÊNCIA
1	O pastorzinho tinha um boizarão muito triste e solitário	O pastorzinho se agastava
2	O pastorzinho se agastava	O pastorzinho decidiu seguir o animal
3	O pastorzinho decidiu seguir o animal	O pastorzinho descobre que o bicho se prendia na visão de uma garça
4	O bicho se prendia na visão de uma garça	O ruminante se imobilizava, impedido
5	O ruminante se imobilizava, impedido	- O ruminante não comia; - O pastor chambocava-o

6	O ruminante não comia	O bicho definhava-se
7	O pastor chambocava-o	O varapau estalava nos costados
8	O bicho definhava-se	O pastor ficou preocupado
9	Certa noite, o pastor viu o boi a transformar-se numa garça	O recente pássaro percorreu o redor procurando não se sabe qual quê
10	De súbito se vislumbrou uma outra garça	O transfigurado mamífero acorreu em volejos se chegando à autêntica ave
11	O transfigurado mamífero acorreu em volejos se chegando à autêntica ave	Ali ficaram os recíprocos dois em namoros despregados
12	Ali ficaram os recíprocos dois em namoros despregados	O pastor garantiu que isso acontecia todas as noites de luar cheio
13	Um ano, a lua não apareceu durante meses seguidos	O boi morreu na trigésima noite

A combinação dos pares CAUSA-CONSEQUÊNCIA por intermédio de conectores causais, mostra a existência, entre ambos, de uma relação semântica de tal natureza.

Demonstração⁴ : I Unidade Diegética

(1) Tuahir estava no campo de deslocados, *por isso* pediram-lhe para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas.

(2) Tuahir ajudou a arrastar os corpos, *dado que* lhe pediram.

(3) Tuahir descobre uma criança ainda com vida *porque* ajudou a arrastar os corpos.

(4) *Já que* descobriu uma criança ainda com vida, Tuahir resgatou-a.

(5) Tuahir resgatou a criança, *por isso mesmo que* toma conta dela.

(6) *Visto que* a doença da criança se agravou, Tuahir conforma-se, esperando pela sua morte.

(7) A criança recupera-se de repente, *por isso* Tuahir alegra-se.

(8) *Já que* Tuahir se alegra, ele dá um nome à criança: Muidinga.

Demonstrações : II Unidade Diegética

(1) O homem vivia só, *por isso* se lamentava.

(2) O homem vivia na margem de um rio largo; *por isso mesmo que* um dia ouviu, da margem oposta, uma voz com a qual...

(3) *Como* durante dias se repetiu a troca de berros, o homem suspirava pelo momento de gritar.

(4) *Dado que* um dia o outro se demorou, o homem teve um mau pressentimento.

(5) *Já que* o homem teve um mau pressentimento, decidiu ir ao encontro do desconhecido.

(6) Decidiu ir ao encontro do desconhecido, *porquanto* se lançou nas vagas numa jangada improvisada.

(7) O homem afundava na travessia do rio largo *porque* se lançou nas vagas numa jangada improvisada.

(8) O homem afundava na travessia do rio *por isso mesmo que* é salvo pelo vulto da outra margem.

(9) Juntos, trocaramm amores no barquito, *pois* o vulto da outra margem era uma mulher.

Demonstrações : III Unidade Diegética

(1) O pastorzinho tinha um boizarão muito triste e solitário, *por isso que* se agastava.

(2) O pastorzinho se agastava *por isso mesmo que* decidiu seguir o animal.

(3) *Já que* o pastorzinho decidiu seguir o animal, descobriu que o bicho se prendia na visão de uma garça.

(4) O ruminante se imobilizava, impedido, *pois que* se prendia na visão de uma garça.

(5) *Visto que* o ruminante se imobilizava, impedido, não comia/ o pastor chamocava-o.

(6) O bicho definhava-se *porque* não comia.

(7) O varapau estalava nos costados *porquanto* o pastor chambocava o bicho.

(8) *Dado que* o bicho definhava-se, o pastor ficou preocupado

(9) Certa noite, o pastor viu o boi a transformar-se numa garça; *por isso mesmo que* o recente pássaro percorreu o redor procurando não se sabe qual quê.

(10) *Como* de súbito se vislumbrou uma outra garça, o transfigurado mamífero correu em vôlejos se chegando à autêntica ave.

(11) *Visto que* o transfigurado mamífero correu em vôlejos se chegando à autêntica ave, ali ficaram os recíprocos dois em namoros despregados.

(12) Ali ficaram os recíprocos dois em namoros despregados, *por isso que* o pastor garantiu que isso acontecia todas as noites de luar cheio.

(13) Um ano, a lua não apareceu durante meses seguidos; *por isso mesmo que* o boi morreu na trigésima noite.

4.2 Nível Interdiegético

4.2.1 Dimensão da conectividade sequencial ou coesão

Tomando como base os **Extractos-II**, procurámos, nesta dimensão de análise, detectar os mecanismos usados pelo autor para o estabelecimento de laços semânticos relevantes entre as diferentes unidades diegéticas, por forma a organizar sequencialmente as histórias que compõem o seu romance. Foi assim que, da observação dos extractos 4a-27b (Vejam-se os **Anexos I, Extractos-II**), que abrangem quase a totalidade da obra, pudemos constatar uma predominância no uso, basicamente, de dois grandes tipos de laços semânticos: a **pressuposição** e a **progressão temática**.

4.2.1.1 A pressuposição

Partindo do princípio de que uma frase F pressupõe uma frase F' apenas no caso em que F implica, logicamente, F' (Cf. **Brown-Yule, 1983:28-31**), nós consideramos **pressuposição** aquilo que está implícito

numa frase positiva (Cf. Palmer, 1976:167). Nesta base, constatamos haver junção semântica por **pressuposição** entre as seguintes passagens do livro, e que apresentamos no **Quadro - X**:

Quadro - X : Sistematização das Relações Semânticas por Pressuposição

E.	PRESSUPONENTE	PRESSUPOSTO	E.
(4a)	"...a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos:..." (p.14,7P)	"Quero pôr os tempos em sua mansa ordem, conforme..."(p.15,1P)	(4b)
(8a)	" O velho, enfim, acede. Limpa o chão onde se vai sentar em preparativo de que se iria demorar. E conta:..." (p.55,3P)	"...ele estava no campo de deslocados, vindo de sua aldeia. Uma noite lhe pediram para ajudar a enterrar seis..." (p.55,3P)	(8a)
(10a)	"Ela só tinha um remédio para se melhorar: era contar sua história... Então me contou a sua história."(p.67,3P)	" <i>Me chamo Farida</i> , começou a mulher o seu relato."(p.77,1P)	(10b)
(13d)	"... Tuahir recorda a estoriuzinha do pai do fazedor de rios." (p.95,7P)	"O homem vivia só, se lamentando: antes mal acompanhado! Habitava..."(p.95,7P)	(13d)
(22a)	"- <i>Vou-te contar minha estória, estrangeiro.</i> ...E começou a narrar. Sua estória deve ser lembrada."(p.154,4-6P)	"Aconteceu quando Quintino decidiu visitar a velha casa..."(p.154,7P)	(22a)

(25a)	"Em vez de xigoviar diz preferir contar uma história verdadeira passada consigo naqueles pastos. - <i>Couta lá, então.</i> " (p.189,3P)	"- <i>Semana passada faleceu um boi, cujo esse boi era o maior de todos.</i> Assim desfia o menino seu relato. <i>Havia...</i> "(p.189,5-6P)	(25b)
(27a)	"- <i>Deixe. Agora me comece a ler.</i> " (p.208,18P)	"Depois de Euzinha já nenhuma esperança me restava..."(p.211,1P)	(27b)

Da observação deste Quadro verifica-se que a pressuposição, contida no elemento pressuponente, implica sempre um pressuposto: uma unidade diegética (a estória), na forma:

Pressuposição -> Unidade Diegética

Se considerarmos P, Pressuposição, e E(x), Extracto x, teremos a seguinte ordem de implicações a partir do Quadro - X:

Quadro - XI : Sistematização da Ordem de Implicações

P[E(4a)]	->	ESTÓRIA DO KINDZU
P[E(8a)]	->	ESTÓRIA DE COMO TUAHIR ENCONTROU MUIDINGA
P[E(10a)]	->	ESTÓRIA DA FARIDA
P[E(13d)]	->	ESTÓRIA DO PAI DO FAZEDOR DE RIOS
P[E(22a)]	->	ESTÓRIA DO QUINTINO
P[(25a)]	->	ESTÓRIA DO BOI
P[E(27a)]	->	CONTINUAÇÃO DA ESTÓRIA DO KINDZU

Mas, ao mesmo tempo que a pressuposição implica uma nova unidade diegética - e porque o elemento pressuponente se situa no interior de uma outra unidade diegética, anterior à pressuposta - ela funciona, simultaneamente, como mecanismo de ligação semântica entre as diferentes unidades diegéticas. Esquemáticamente, essa ligação pode, assim, ser representada:

$$[UD [P(E_x)]]_n \rightarrow [UD [P(E_y)]]_m \rightarrow [UD [P(E_z)]]_l \rightarrow \dots \rightarrow [UD]_k$$

em que a *Unidade Diegética* (UD) n contendo a *Pressuposição P* do *Extracto x* (E_x), implica, através daquela pressuposição, a UD m que contém a *Pressuposição P* (E_y) que, por sua vez, implica a UD l que contém a *Pressuposição P* (E_z) que, por sua vez, implica a UD k... e assim sucessivamente.

Assim, e tal como pretendemos demonstrar, a pressuposição estabelece aquilo que em narratologia designa o próprio discurso narrativo, o conjunto articulado e sequencialmente ordenado de enunciados que veiculam a história, isto é, o sintagma narrativo (Reis-Lopes, Op. Cit., p.369). Quer dizer, porque a leitura linear de um texto narrativo implica sempre um "itinerário" ao longo do(s) sintagma(s) narrativo(s) que perfazem a sua estrutura de superfície (Ibid:370), esse "itinerário" é-nos dado, neste caso, pela pressuposição, que desempenha, deste modo, um papel preponderante na atribuição de uma coesão global ao romance *Terra Sonâmbula* de Mia Couto.

4.2.1.2 A Progressão Temática

A Progressão Temática é o outro tipo de mecanismo linguístico que, em parceria com a pressuposição, é usado por Mia Couto para conferir uma unidade semântica global ao seu livro.

Na captação da forma como este mecanismo de ligação se processa, situamo-nos na perspectiva do leitor. Isto é, aquela a partir da qual se faz a articulação de *unidades de*

Como se dá a progressão de
sentença? Relação com a sua realidade
Por parte do leitor?

isso é usado como? Parece que A.C. o
faz continuamente!

90px
é
isto?

informação dada e unidades de informação nova (Cf. Halliday, 1985:278). Como já nos referimos, estruturalmente, uma unidade de informação consiste de um elemento novo, obrigatório, mais um elemento opcional, dado. ^{inf explícita!} O elemento novo funciona como a unidade iniciadora do discurso e o dado tem uma natureza fórica, isto é, refere-se a algo já apresentado no contexto verbal ou não verbal (Ibid:275-277).

Assim, constatamos serem exemplos de unidades de *informação nova* e *informação dada*, as ocorrências textuais seguintes (Quadro - XII):

Sistematização das Relações Semânticas Novo/Dado.

E.	INFORMAÇÃO NOVA	INFORMAÇÃO DADA	E.
(6a)	"Desde a noite em que saí da aldeia meus braços cumpriam o serviço de me levar. Viajava sempre junto do litoral..."(p.41,1P)	"Deixei o caminho antigo da casa... Era noite quando a canoa desatou o caminho... Sem que soubesse começava uma viagem..."(p.34,9P)	(6b)
(7a)	"Muidinga acorda com a primeira claridade...Os escritos de Kindzu lhe começam a ocupar a fantasia. De madrugada até lhe parecera ouvir os tais cabritos embriagados de Taímo." (p.51,1P)	"- Mas, pai, me conte quando dava de beber sura aos cabritos... (...) Bêbados, tinham duas vantagens: primeiro não sofriam; segundo, já iam ficando temperados de véspera."(p.48,10P)	(7b)

(9a)	"Quando cheguei à baía de Matimati já eu perdera contas às madrugadas... Mal me viram desembarcar, vários homens me cercaram. Queriam saber quem eu era, de onde vinha..."(p.59,1P)	"Desde a noite em que saí da aldeia meus braços cumpriam o serviço de me levar. Viajava sempre junto do litoral..."(p.41,1P)	(6a)
(11a)	"Uma vez mais Tuahir decide explorar os matos vizinhos." (p.69,1P)	"...Aquela era sua primeira incursão pelos matos. A ela haveriam de seguir outras." (p.54,2P)	(11b)
(12a)	"Muidinga pousou os cadernos, pensageiro. A morte do velho Siqueleto o seguia..." (p.93,1P)	"Então ele mete o dedo no ouvido... até que sentem o surdo som de qualquer coisa se estourando. O velho tira o dedo e um jorro de sangue repuxa da orelha." (p.75,10P)	(12b)
(15a)	"Por muito que começasse a duvidar, eu não podia esquecer meu original motivo: ser um naparama, um guerreiro de justiça." (p.105,5P)	"Nesse desespero me veio, claro, um desejo: me juntar aos naparamas. Sim, eu queria ser um desses guerreiros de justiça." (p.30,1P)	(15b)
(18a)	"- Lá em Matimati, nunca fale de meu nome. Eles me odeiam. Já em meu concho, remando para terra..." (p.114,5-6P)	"Quando cheguei à baía de Matimati já eu perdera contas às madrugadas..."(p.59,1P)	(9a)

Os exemplos apresentados neste **Quadro** ilustram como a articulação de unidades de *informação nova* e unidades de *informação dada* permite a interligação de diferentes unidades diegéticas, pois a informação contida numa determinada unidade diegética liga-se, por este meio, a uma outra, *nova*, numa outra unidade diegética, na qual é recuperada e integrada. Neste caso, a ligação processa-se através da Progressão Linear Simples de que são exemplo, sucessivamente, os extractos E(6b), E(6a), E(9a) e E(18a).

us. p. exemplos esta unidade!

4.2.2 Dimensão da Conectividade Conceptual ou Coerência

4.2.2.1 Do ponto de vista da pressuposição

Resultando, a *coerência*, da interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo (Mateus et al, Op. Cit., p.146), um papel importante é reservado à *pressuposição*, entanto que mecanismo de ligação semântica, na configuração da coerência da obra em estudo.

*o mesmo autor
a pressuposição
muito importantes para este fator na análise
Palmer*

A pressuposição, como já o afirmamos, é aquilo que está implícito numa frase positiva (Palmer, 1976:167). Na nossa análise ao **Quadro - X**, na Dimensão da Conectividade Sequencial ou Coesão, constatamos que ela implicava sempre uma unidade diegética. Logo, se essa unidade diegética pressuposta existe, então estamos perante a evidência de que as sequências textuais ligadas por pressuposição mantêm entre si uma relação de teor causal onde a pressuposição é a condição e a unidade diegética a consequência. Neste sentido, importa recordar o seguinte esquema:

$$[UD [P(E_x)]]_n \rightarrow [UD [P(E_y)]]_m \rightarrow [UD [P(E_z)]]_l \rightarrow \dots \rightarrow [UD]_k$$

no qual, a *Unidade Diegética (UD) n* contendo a *Pressuposição P* do *Extracto x (E_x)*, implica, através daquela pressuposição, a *UD m* que contém a *Pressuposição P(E_y)* que, por sua vez, implica a *UD l* que contém a *Pressuposição P(E_z)* que, por sua vez, implica a *U_k...etc.*

Assim, reconhecemos uma relação **condição-consequência**, entre os estados de coisas descritos nas sequências ligadas por pressuposição, porquanto à virtualidade do aparecimento de uma nova unidade diegética, veiculada pela pressuposição, junta-se a sua actualização, através do próprio acto de narrar. Quer isto dizer que os factos, os acontecimentos que preenchem o universo do discurso contido em *Terra Sonâmbula* distribuem-se em sequências textuais sucessivas sem que entre eles haja nem tautologia, nem contradição, mas uma interconexão na base de uma recíproca relevância, isto é, um mútuo acesso (Cf. Fonseca, 1992:32), daí decorrendo a sua coerência.

4.2.2.2 Do ponto de vista da Progressão Temática

No tratamento dado a este mecanismo de ligação semântica, na Dimensão da Coesão, tomamos como base a articulação de *unidades de informação dada* e *unidades de informação nova*. Este tipo de articulação permite, e também o dissemos, a recuperação da informação dada, que é integrada na nova unidade diegética.

Do ponto de vista da Conectividade Conceptual ou Coerência, a forma como essa recuperação se realiza, isto é, através das *anáforas* e outros *processos de co-referência*, de *iteraões* de unidades léxicas que comportam semas afins, e subsequente configuração de isotopias, *substituições lexicais*, favorece o desenvolvimento temático contínuo, estabelecendo um fio condutor no interior do espaço textual (Reis-Lopes, 1987:64-65). O Quadro -X, acima, serve de exemplo às diferentes formas de recuperação da informação dada.

Mas, ao mesmo tempo, a construção da **coerência textual** implica a progressão de informação no interior do texto (**Ibid.**). É aí onde a introdução de unidades de *informação nova*, no caso da obra em estudo, através da Progressão Linear Simples, desempenha um papel fundamental, pois, os elementos cognitivos fornecidos pela informação nova são relevantes acerca da informação dada a que se referem.

4.3 Nível da Estrutura Circular da Obra

4.3.1 Dimensão da Conectividade Sequencial ou Coesão

Neste nível de análise, no qual operámos com os **Extractos-III**, verificamos a existência de laços coesivos entre passagens finais e iniciais do romance. Estes laços são estabelecidos por intermédio da co-presença de traços semânticos idênticos (**Mateus et al, Op. Cit., p.145-146**) entre expressões linguísticas ocorridas no final da obra e expressões linguísticas ocorridas no seu início. O **Quadro - XIII**, que apresentamos a seguir, ilustra esta situação:

Quadro - XIII : Comparação das ocorrências linguísticas

E.	Final da Obra	Início da Obra	E.
(28a)	"...visões de uma estrada por onde eu seguia..."(p.217,4P)	"Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada..." (p.9,3P)	(28b)
(29a)	"...Me surgiu um machimbombo queimado. Estava derreado numa berma, a dianteira espalmada de encontro a uma árvore." (p.218,L.1)	"...param agora frente a um autocarro queimado...O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. A dianteira estava amassada de encontro a um imenso embondeiro." (p.10,1-5P)	(29b)

(30a)	<p>"De repente a cabeça me estala em surdo baque... Vacilo, vencido por súbito desfalecimento. Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos."(p.218,L.3)</p>	<p>"Saem a enterrar os cadáveres...No caminho do regresso encontram mais um corpo... Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro... Junto dele estava uma mala, fechada, intacta." (p.12,10P)</p>	(30b)
(31a)	<p>"...Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares... confirmo: são os meus cadernos... De sua mão tombam os cadernos..." (p.218,L.11)</p>	<p>"...O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados."(p.10,L.1)</p>	(28b)
		<p>"...Depois de fecharem o buraco, o velho puxa a mala para dentro do autocarro. Tuahir tenta abrir...Forçam o fecho...Por cima de tudo, estão espalhados cadernos escolares, gatafunhados com letras incertas... Muidinga... retira os caderninhos..."(p.12, 12P,L.6-14P; p.13,5P)</p>	(31b)

Ao fazermos uma análise comparativa das ocorrências textuais constantes das colunas *Final da Obra* e *Início da Obra*, neste Quadro, constatamos a existência de uma ligação (ou recuperação) linguística significativa entre elas dado o estabelecimento dos seguintes laços semânticos:

1. reiteração de lexemas:

- . estrada
- . mala
- . machimbombo
- . cadernos

2. substituição:

- . autocarro vs machimbombo (sn)
- . veículo vs machimbombo, autocarro (hipe)
- . embondeiro vs árvore (hipe)
- . Muidinga vs miúdo vs O jovem (sn)

3. paráfrase:

. "... um machimbombo queimado. Estava derreado numa berma, a dianteira espalmada de encontro a uma árvore."

. "...um autocarro queimado...O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. A dianteira estava amassada de encontro a um imenso embondeiro."

4. configuração de campos semânticos idênticos:

. "De repente a cabeça me estala em surdo baque... Vacilo, vencido por súbito desfalecimento. Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos."

. "...No caminho do regresso encontram mais um corpo... Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro... Junto dele estava uma mala, fechada, intacta."

4.3.2 Dimensão da Conectividade Conceptual ou Coerência

Apesar de se evidenciar uma coesão textual entre as expressões linguísticas decorrentes do final e do início da obra, a sua interconexão, de acordo com o nosso conhecimento do mundo, não satisfaz as condições cognitivas básicas para o delineamento da coerência textual. Os Quadros XIV e XV, a seguir, sistematizam as sequências textuais decorrentes do final e do início da obra, respectivamente.

Quadro - XIV : Sistematização das Sequências Textuais do Final da Obra

1.	Kindzu seguia por uma estrada.
2.	Surgiu-lhe a frente um machimbombo queimado.
3.	De repente lhe estala a cabeça num surdo baque.
4.	Desalinham-se fios de sangue.
5.	Kindzu vacila, vencido por súbito desfalecimento.
6.	Deixa cair a mala onde traz os cadernos.
7.	Vence o torpor e prossegue ao longo da estrada.
8.	(?) Mais adiante segue um miúdo com passo lento e que traz nas mãos papéis que lhe parecem familiares.
9.	(?) Kindzu confirma: são os seus papéis.
10.	Com o peito sufocado chama: Gaspar!
11.	(*) O menino estremece e da sua mão tombam os cadernos, cujas folhas se espalham pela estrada e as letras se convertem em grãos de areia.

Quadro - XV : Sistematização das Sequências Textuais do Início da Obra

1.	Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada
2.	O Jovem caminha à frente desde que saíra do campo de deslocados

3.	Os dois param frente a um autocarro queimado
4.	Entram no autocarro que tem corpos carbonizados
5.	Saem a enterrar os cadáveres
6.	No caminho do regresso encontram mais um corpo. Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro. Com a camisa empapada em sangue, Junto dele estava uma mala, fechada, intacta.
7.	Enterram o último cadáver.
8.	Depois de fecharem o buraco, forçam o fecho da mala. Por cima de tudo, estão espalhados cadernos escolares.
9.	O jovem retira os caderninhos e guarda-os por baixo do seu banco.

Uma breve análise aos dois quadros mostra uma incoerência nas sequências retiradas do final da obra (Quadro - XIV), tal como se pode notar pela presença de duas sequências estranhas (?) e uma contraditória (*). Duas perguntas se podem levantar: como é que se explica que o miúdo que segue mais adiante esteja na posse dos papéis de Kindzu? E, se Kindzu, depois de vacilar, vencido por súbito desfalecimento, deixa cair a mala onde traz os cadernos, como é que se explica que estes tombem da mão do menino? De uma forma clara, é aqui violada a condição cognitiva de que a ordem linear das sequências seja isomórfica da ordenação temporal relativa dos factos descritos (Mateus et al, Op. Cit., p.147). Daí a incoerência das sequências do final da obra.

Quanto ao Quadro - XV, a sua coerência pode ser suportada pela incoerência do Quadro - XV', a seguir:

Quadro - XV' : Sequências Textuais do Início da Obra(*)

1.	Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada
2.	O Jovem caminha à frente desde que saíra do campo de deslocados
3.	Entram no autocarro que tem corpos carbonizados

4.	(*) Os dois param frente a um autocarro queimado
5.	Saem a enterrar os cadáveres
6.	No caminho do regresso encontram mais um corpo. Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro. Com a camisa empapada em sangue, Junto dele estava uma mala, fechada, intacta.
7.	(?) O jovem retira os caderninhos e guarda-os por baixo do seu banco.
8.	Enterram o último cadáver.
9.	(*) Depois de fecharem o buraco, forçam o fecho da mala. Por cima de tudo, estão espalhados cadernos escolares.

Uma combinação das sequências apresentadas pelos Quadros XIV e XV resultaria, sem dúvida, numa combinação incoerente, pois que, além da incoerência inerente ao primeiro grupo de sequências, não faria sentido que o velho e o miúdo apanhassem a mala contendo os cadernos ao lado do corpo recém-morto a tiro, quando uma das sequências do primeiro grupo refere que Kindzu vence o torpor e prossegue ao longo da estrada, portanto, não caíu ao lado da mala contendo os seus cadernos.

No entanto, a explicação desta incoerência, apesar dos nexos verificados ao nível da coesão, pode ser atribuída a uma tentativa de acentuar o carácter ficcional do romance, por oposição a um quadro literário realista. Esta ideia pode ser suportada pela seguinte passagem, que antecede o início daquilo que consideramos sequências da parte final da obra: "Eu sentia que a noite chegava ao fim. Qualquer coisa me dizia que me devia apressar antes que aquele sonho se extinguísse. Porque me surgiam agora alucinadas visões de uma estrada..." (Couto, 1992, p.217, 4P).

Apesar a combinação é coerente em si! Ou é incoerente ao nível real mas sim ao nível ficcional!

5. CONCLUSÕES

Quando nos propusemos realizar este trabalho, pretendíamos fazer um estudo dos mecanismos discursivos que no romance *Terra Sonâmbula*, do escritor moçambicano Mia Couto, são usados para estabelecer Coesão e Coerência textuais. Terminada a análise, verificamos que este autor se socorre de um complexo de laços semânticos por equivalência, por junção ou combinação frásica e, não poucas vezes, de laços semânticos de ordem pragmático-comunicativa, para delinear o seu discurso. Deste complexo de ligações, resultou a fundação sobre a qual Mia Couto construiu e conferiu uma conectividade, quer sequencial, quer conceptual, ao seu romance.

Convincente? Parece que não a dá a entender. O autor é muito bom, recomendo de estudar, especialmente!

No que diz respeito à Conectividade Sequencial ou Coesão, constatamos o uso da referência e da co-referência, da reiteração, da elipse e da substituição - sinonímica, antonímica, hiperonímica e hiponímica -, como mecanismos para o estabelecimento de relações de equivalência semântica entre expressões linguísticas. Ao mesmo tempo, a coesão frásica, a coesão temporal e a coesão interfrásica funcionavam como processos de sequencialização das sequências textuais. Quer isto dizer que ao primeiro grupo, da equivalência, coube a função de manter presente o tema ao longo das sequências textuais, enquanto o segundo assegurava a sua continuidade e progressão, informativas, por essas mesmas sequências, através da conjunção, da disjunção, da contrajunção e da subordinação semântica, suturando adequadamente a sucessão dos enunciados e frases. Isto quanto ao que toca ao nível da análise intradieética.

Ainda respeitante a este nível de análise, como se tentou demonstrar, ficou provado que o autor do *Terra Sonâmbula* apoiou-se na sequencialização lógica das ocorrências textuais para a configuração da Conectividade Conceptual ou Coerência, quer compatibilizando a ordem linear das sequências textuais descrevendo sequências de factos, à ordenação temporal relativa dos factos descritos num mundo possível, quer organizando as sequências textuais formadas por subordinação com base numa relação causa-consequência dos estados de coisas ou factos que essas mesmas sequências descrevem.

No nível interdiegético, a nossa análise mostrou a predominância da pressuposição e da progressão temática como os mecanismos linguísticos mais produtivos no estabelecimento de laços coesivos entre diferentes unidades diegéticas. A pressuposição implica sempre uma nova unidade diegética e, simultaneamente, funciona como instrumento de ligação semântica entre duas unidades diegéticas diferentes: a implicada e aquela onde a própria pressuposição se encontra enraizada. A progressão temática, por sua vez, tomada na perspectiva da articulação de unidades de informação nova e unidades de informação dada, permite, no livro de Mia Couto, a interconexão de várias estórias, já que a informação contida numa dada unidade diegética liga-se, por meio da própria articulação dado/novo, à uma outra, nova - que é parte de uma outra unidade diegética - e na qual aquela é recuperada e integrada. Trata-se, como constatamos, de uma ligação que se processa na forma de uma Progressão Linear Simples.

Mas a pressuposição também se revelou como um mecanismo de importância vital no estabelecimento da coerência global do romance, pois as sequências textuais ligadas por pressuposição mantêm entre si uma relação de teor causal, na qual a pressuposição é a condição e a unidade diegética implicada, a consequência. No romance de Mia Couto, à virtualidade do aparecimento de uma nova unidade diegética - levantada por uma espécie de fórmula pressupositiva -, junta-se a própria actualização, a sua concretização, através do próprio acto de narrar. Com base na pressuposição, os estados de coisas descritos, os factos, os acontecimentos que preenchem o universo do discurso contido em *Terra Sonâmbula*, distribuem-se em unidades diegéticas sucessivas, sem que entre elas se registre nem tautologia, nem contradição, mas uma interconexão recíproca de igual relevância.

Por seu turno, a progressão temática, como o próprio nome diz, favorece o desenvolvimento contínuo do tema, isto é, daquilo sobre o qual o livro fala. Desse modo, a progressão temática, na dimensão da coerência global do romance, estabelece o fio condutor no próprio interior do espaço textual, ao mesmo tempo que, do ponto de vista da articulação de unidades de informação nova e unidades de informação dada, introduz sempre informação nova, imprimindo uma dinâmica sempre renovada dos factos ou acontecimentos descritos.

Por fim, no nível da análise da estrutura circular, verificamos a existência de laços coesivos entre extractos localizados no final do romance e extractos localizados no seu início. Estes laços são estabelecidos pela co-presença de traços semânticos idênticos entre expressões linguísticas daí decorrentes, destacando-se a ocorrência da reiteração lexical, da substituição por hiponímia, hiperonímia e sinonímia, da paráfrase e da configuração de isotopias. A ocorrência destas conexões, entre expressões linguísticas localizadas no final da obra e expressões e campos semânticos idênticos, no seu início, mostra a existência de uma coesão textual entre o fim do romance e o seu início, o que sugere uma estrutura circular à obra, como consequência da forma como foram estabelecidos os laços de coesão entre ambas as partes do livro.

No entanto, apesar da conexidade que se estabelece entre as expressões linguísticas referidas, não se verifica a satisfação das condições cognitivas básicas para a ocorrência de um discurso coerente entre aquelas duas partes do romance. Prova disso, é a presença de seqüências textuais semanticamente estranhas e contraditórias nesse espaço textual. Contudo, e apesar desta incoerência, a estrutura circular da obra mantém-se, pois que a explicação deste desfazamento pode ser atribuída a uma tentativa de acentuar o carácter ficcional do romance, por oposição a um quadro literário realista.

Por tudo isto, concluimos que se confirmam as hipóteses que nortearam este trabalho, segundo as quais o escritor moçambicano Mia Couto se socorre de mecanismos discursivos disponíveis na língua portuguesa para:

1. construir uma única e grande estória, partindo de várias unidades diegéticas;
2. construir texturas específicas a cada unidade diegética que, por associação cotelxual global, estabelecem uma textura genérica;
3. conferir uma estrutura circular à obra.

Se não é isto que faz o escritor? Se não, esperava, antes, em confirmar estes objectivos (o que chama de hipóteses)?

Nota: Capítulo de Conclusões? Há espaço para referir o âmbito deste trabalho? E IS. Remoções para eventual prosseguimento de trabalho? Talvez sobre outros aspectos pedagógicos?

6. BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR e SILVA, V.M., (1988), *Teoria da Literatura*, 8-Edição, Livraria Almedina, Coimbra.
- BROWN, Gillian & YULE, George, (1983), *Discourse Analysis*, Cambridge University Press.
- COULTHARD, Malcolm, (1977), *An Introduction To Discourse Analysis*, Longman Group Ltd, London.
- COUTO, Mia, (1992), *Terra Sonâmbula*, Editorial Caminho, SA, Lisboa.
- FONSECA, Joaquim, (1992), *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, ICALP, Lisboa.
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R., (1976), *Cohesion in English*, Longman Group Ltd.
- HALLIDAY, M.A.K., (1985), *An Introduction to Functional Grammar*, Edward Arnold, A Division of Hodder & Stoughton.
- JAMES, Carl, (1980), *Contrastive Analysis*, Longman Group Ltd.
- LOPES, A.J., (1986), *Interlingual Discourse Transfer: Mozambican-Portuguese to English*, Tese de Doutoramento (não publicada), University of Wales, Grã-Bretanha.
- MANHICE, Antonieta da Conceição, (1992), *Contribuição para a Descrição da Proficiência Oral dos Alunos da 5- Classe de 2 Escolas da Cidade do Maputo - 3 de Fevereiro e Anexa ao IMP*, Tese de Licenciatura (não publicada), ISP, FL, Maputo.
- MATEUS et al, (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 2-Edição revista e aumentada, Editorial Caminho, SA, Lisboa.
- MAVALE, Cecília Dequene, (1992), *A Coerência em Textos Escritos por Alunos da 11- Classe da Escola Secundária Francisco Manyanga*, Tese de Licenciatura (não publicada), ISP, FL, Maputo.
- METZELTIN, Michael, (1981), *Introdução à Leitura do Romance da Raposa. Ciência do Texto e Sua Aplicação*, Livraria Almedina, Coimbra.
- REIS, Carlos e LOPES, A.C.M., (1987), *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra.
- VAN DIJK, Teun A., (1977), *Text and Context. Explorations in The Semantics and Pragmatics of Discourse*, Longman Group Ltd.
- VARGA, A. Kibédi, (1981), *Teoria da Literatura*, Editorial Presença, Lisboa.

Corpos

ANEXO 1: Dados Seleccionados

Extractos I - I Unidade Diegética (pp.55-57, III Cap.)

1.a."...ele [Tuahir] estava no campo de deslocados, vindo de sua aldeia distante. Uma noite lhe pediram para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas. Os corpos estavam numa cabana, por baixo de uma velha lona."(p.55,3P,L.5)

b."Tuahir ajudou a arrastar os corpos para um buraco. Enquanto puxava pelas pernas frias se admirava daquele peso tão diminuto. Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando reparou com espanto: os dedos de uma das crianças se cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos se agarravam à vida, lutando contra o abismo. Aquela criança ainda respirava."(p.55,3P,L.12)

c." - *Parem, aquele miúdo ainda está vivo!*

Os restantes coveiros se entrelham, duvidosos... E voltam a puxar os corpos... Tuahir suplica que parem, os outros se imperturbam... O velho sai do grupo, não tem coragem para sepultar um vivente. Já o menino se afundava em areias que atiravam no buraco quando ele se recordou:

- Deixem esse: é meu sobrinho...
- E você cuida dele?
- Sim, eu lhe trato."(p.55,4P)

d."Nos princípios o miúdo só pronunciava gemências...o menino permanecia dobrado em si, vomitando, dolorido da cabeça aos pés. Sem se mexer, ele já trincava seu fim. Tuahir lhe pedia que se levantasse e se mantivesse de pé, nem que fosse por breves tempos. Com ajuda, o moribundo se sustinha... E o velho pensava: "este já não tem melhora"... Nessa altura, o moço ainda segurava algumas palavras."(pp.55-56,9P)

e."O menino cada vez mais se dificultava em falar, atarantonto. Ao ver a criança assim rarefeita, Tuahir sentiu descer-lhe da cabeça o coração. Puxou Muidinga pela mão e lhe prometeu:

"- Não lhe vou abandonar. Não tenha medo, eu lhe tomo conta. Tuahir cumpriu. A enfermidade trabalhava no rapaz. Seu corpo se vazava de peso. As humanas faculdades nele se esvaíam. O miúdo quase já não sabia falar, nem andar, nem sequer rir.

"- Dobra as pernas, depressa. Não podes morrer de pernas esticadas.

"E o velho ajudou o miúdo a dobrar as pernas. Ficou à espera que a morte viesse."(pp.56-57,11P)

f."Passou-se tempo sem que o moço se tornasse em pessoa concluída. E se passou ao inverso do esperado. No dia seguinte, já Muidinga despertava, fortalecido. Era uma criança a nascer, quase em estado de saúde. O velho se contenta: seus filhos já quase não deixavam memória. Sentia saudade de ser pai...

- Te vais chamar Muidinga, decidiu."(p.57,4P)

ANEXO 1: Dados Seleccionados**Extractos I - II Unidade Diegética (pp.95-96, V Cap.)**

2a."O homem vivia só, se lamentando: antes mal acompanhado! Habitava na esteira de um rio largo, tão largo que deitava a pequeno qualquer tamanho da outra margem. Lhe doía a vida, indevida em um só indivíduo."(p.95,7P,L.2)

b."Até que um dia, do outro lado das águas, lhe pareceu chegar uma voz. Havia um cacimbo cheio, era a estação das brumas. O velho se ergueu e espreitou a lonjura. Lá estava: do outro lado, o esbatente vulto de um gentículo. Deste lado, o pai gritou também. Não entendia rabisco que o outro dizia. Mas ripostava, com ânsia, antes que a miragem, desiludida, desaparecesse. Durante dias, se repetiu a troca de berros... sem nenhuma palavra se ter tornado entendível. O velho todo o dia suspirava pelo momento de gritar."(pp.95-96,7P,L.7)

c."Um dia, contudo, o outro se demorou... Ele já sofria de afeição demasiada pelo desconhecido... Manobrou, então, um pressentimento: e se, nos anteriores dias, o outro lhe tivesse tentado avisar de qualquer tragédia...? Ou... estivesse doente, necessitado de um braço amigo?"(p.96,L.6)

d."Decidiu... improvisar uma jangada... E se lançou nas vagas, transversando a corrente. Em meio da jornada reparou como havia sido grande sua ousadia. E as ondas cresceram, grandes que ele nunca vira... O pai de Nhamataca afundava, sem remédio."(p.96,1P)

e."Nesse instante, porém, ele viu que um outro barquito avançava em sua direcção. Olhou: era o vulto da outra margem que acorria...direito a o salvar. Braços fortes o puxaram e ele se anichou, encharquilhado na outra embarcação. Foi então que... descobriu que o personagem do outro lado era uma mulher, dona de incendiada beleza. Tudo o resto se passou em silêncio... O amor que trocaram é assunto para duas vidas inteiras, abandonadas para sempre num barquito sem rumo."(p.96,1P,L.8)

ANEXO 1: Dados Seleccionados**Extractos I - III Unidade Diegética (pp.189-190, X Cap.)**

3a."Havia, entre sua manada, um muito triste boizarão. De manhã até de noite o bicho boiava em rasteira solidão (...) Seus olhos felpudos seguiam todas as distrações. Tudo lhe era pretexto, fosse o estremecer de uma sombra, fosse o farfalhar de uma borboleta tricotando seu voo. O pastorzinho se agastava: que doença estaria a consumir o animal? E se decidiu a segui-lo, de luz a lés. Foi então reparou que o bicho se prendia na visão de uma dada e considerada garça."(p.189,6P)

b."A ave pernalteava-se, se juntava às nuvens, suas gémeas: sempre e sempre a atenção do boi nela se concentrava. O ruminante se imobilizava, impedido. O pastor chambocava o bovino a ver se ele manadeava. O varapau, vuum-ntáá, estalava nos costados. Nem valia a pena. Pois ele sacudia os lentos cornos e seguia, de impossível, impassível.

"Sem nenhum comer, o bicho definhava-se. O pastor nem sabia como explicar a seu tio, dono da criação."(pp.189-190,6P,L.10)

c."Certa noite, ao juntar suas migalhas, o pastor viu aquilo que duvidava de contar... o boi esticava o pescoço para a lua e declamava mugidos que nunca foram ouvidos... De sua garganta se afilaram os gemidos que se foram vertendo...num cantarilhar de ave...ele começou a minguar, pequenando-se de taurino para bezerro, de bezerro para gato chifrudo. Em violentos arrepios se sacudiu e os pêlos, aos tufos, lhe foram caindo. No igual tempo lhe surgiam plumas brancas. Em instantes, o mamífero fazia nascer de si uma ave, profundamente garça."(p.190,1P,L.2)

d."O recente pássaro, então, percorreu o redor, procurando não se sabe qual quê com seu olhar em seta. Até que, de súbito, se vislumbrou uma outra garça, essa mesma que lhe fazia, enquanto boi, demorar o coração. E o transfigurado mamífero acorreu em volejos, se chegando à autêntica ave. Dançou em repentinos saltos, as pernas de nervosa altura, como se estivessem ainda a soletrar os primeiros passos. A terra parecia demasiado pesada para aquele habitante dos céus. Ali ficaram os recíprocos dois, em namoros

despregados, soltando brancas fulgurações... O pastor se garantiu que assim acontecia todas as noites de luar cheio. No roçar da aurora, o boi regressava à condição de tristonho quadripedestre."(p.190,2P)

e."Sucedeu um ano, contudo, que por meses seguidos, a lua teimou em não sair. Por tempos consecutivos, as noites se velaram, escuras, viscosas. O boi percorria as nocturnas horas se mantendo boi, mugindo como as acabrunhadas xipalapas. Morreu na trigésima noite. O pastor assistira a sua lenta agonia e jura ter visto lágrimas deflagrando nos redondíssimos olhos do bicho."(p.190,3P,L.3)

ANEXO 1: Dados Selecionados

Extractos-II

4a."A noite toda se vai enluarando. Pratinhada, a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos: 'Quero pôr os tempos...'"(I Cap.,p.14,7P,L.2)

b."Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências."(I Cad. de Kindzu,p.15,1P)

5a."Por cima da página, Muidinga espreita o velho. Ele está de olhos fechados, parece dormido."(II Cap.,p.35,1P)

b."- *Que estás a fazer, rapaz?*
- *Estou a ler.*
- *É verdade, já esquecia...Então leia em voz alta que é para me adormecer.*

O miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras."(I Cap.,p.14,6P)

c."Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências."(I Cad. de Kindzu,p.15,1P)

d."Me olhei, e me vendo leve, sem carga, lembrei as palavras de meu pai:
- *Quem não tem amigo é que viaja sem bagagem.*"(Ibid., p.34,9P,L.10)

6a."Desde a noite em que saí da aldeia meus braços cumpriam o serviço de me levar. Viajava sempre junto do litoral, onde a água tropeça em espuma branca... A viagem mal começava e já o espírito de meu velho me perseguia." (II Cad. de Kindzu,p.41,1P)

b."Deixei o caminho antigo da casa...Sem que eu soubesse começava uma viagem que iria matar certezas da minha infância."(I Cad. de Kindzu,p.34,9P,L.2)

c."- *Tio, posso acender a fogueira?*
- *Acenda lá fora.*
- *Mas eu queria ler, tio.*

- *Léia lá fora.*

Muidinga arruma uns paus secos e transporta consigo os escritos de Kindzu. Acende o fogo na berma da estrada. Depois, se instala para ler em comodidade o segundo caderno. A voz de Tuahir o sobressalta:

- *Não vai ler isso sozinho, pois não?*"(II Cap.,p.40,17P)

7a."Muidinga acorda com a primeira claridade. Durante a noite, seu sono se estremunhara. Os escritos de Kindzu lhe começam a ocupar a fantasia. De madrugada até lhe parecera ouvir os tais cabritos embriagados de Taímo." (III Cad. de Kindzu,p.51,1P)

b."- *Mas, pai, me conte quando dava de beber sura aos cabritos...*

(...)

Era para os bichos não sofrerem da falta de pasto. Os pobres estavam chupadinhos, até os chifres tinham emagrecido. Bêbados, tinham duas vantagens: primeiro, não sofriam; segundo, já iam ficando temperados de véspera.

- *Agora, já tenho inveja desses cabritos bem bebidinhos.*

Rimo-nos os dois, recordando os passos embriagados dos cabritos, parecia as quatro patas eram ainda poucas."(II Cad. de Kindzu,p.48,7P)

8a."- *Me conte sobre a minha vida. Quem eu era, antes do senhor me apanhar?*"(II Cap.,p.35,8P)

b."- *Vou-lhe contar, miúdo. Foi por causa de mandioca dessa que você apanhou doença.*

- *Tuahir me conte tudo. Me conte como me encontrou.*

O velho, enfim, acede. Limpa o chão onde se vai sentar em preparativo de que se iria demorar. E conta:"(III Cap.,p.55,1P)

9a."Quando cheguei à baía de Matimati já eu perdera contas às madrugadas...Mal me viram desembarcar, vários homens me cercaram. Queriam saber quem eu era, de onde vinha. Me expliquei, sumário. Então, eles me advertiram:

- *O melhor é você desaparecer-se daqui.*

Nem barrigasse o barco no firme chão. O que eu devia era regressar ao mar..."(III Cad. de Kindzu,p.59,1P)

b."Desde a noite em que saí da aldeia meus braços cumpriam o serviço de me levar. Viajava sempre junto do

litoral, onde a água tropeça em espuma branca... A viagem mal começava e já o espírito de meu velho me perseguia." (II Cad. de Kindzu,p.41,1P)

c."Deixei o caminho antigo da casa...Sem que eu soubesse começava uma viagem que iria matar certezas da minha infância." (I Cad. de Kindzu,p.34,9P,L.2)

10a.- *Por favor, me escuta...*

Ela só tinha um remédio para se melhorar: era contar sua história. Eu disse que a escutava, demorasse o tempo que demorasse. Ela me pediu que lhe soltasse. Ainda tremia, mas pouco. Então, me contou a sua história."(III Cad. de Kindzu,p.67,2P)

b."*Me chamo Farida*, começou a mulher o seu relato."(IV Cad. de Kindzu,p.77,1P)

11a."Uma vez mais Tuahir decide explorar os matos vizinhos."(IV Cap.,p.69,1P)

b."É quase meio-dia quando Tuahir o sacode para anunciar que devem partir pelas redondezas. Era urgente procurar alimento, arranjar mais água... Aquela era sua primeira incursão pelos matos. A ela haveriam de seguir outras."(III Cap.,p.53-54,8P,L.5)

c."Vão pisando caminhos... De repente o mundo desaba... Tuahir e Muidinga se abismalham, tombados numa enormíssima cova... Súbito, no meio do cacimbo, uma silhueta aparece."(IV Cap.,p.70-71,1P,L.8)

12a."Muidinga pousou os cadernos, pensageiro. A morte do velho Siqueleto o seguia ..."(V Cap.,p.93,1P)

b."Então ele mete o dedo no ouvido, vai enfiando mais e mais fundo até que sentem o surdo som de qualquer coisa se estourando. O velho tira o dedo e um jorro de sangue repuxa da orelha. Ele se vai definhando, até se tornar do tamanho de uma semente."(IV Cap.,p.75,10P)

13a. "Tinham saído do autocarro na madrugada desse dia... Súbitos ruídos os interrompem, mais diante. Parecem vozear de gente, nas traseiras de um pequenito monte. Sobem, com cuidado. Era um homem que, do outro lado da encosta, abria um imenso buraco, facholando com afinco." (V Cap., p.93-94, 2P, L.6)

b. "É quase meio-dia quando Tuahir o sacode para anunciar que devem partir pelas redondezas. Era urgente procurar alimento, arranjar mais água... Aquela era sua primeira incursão pelos matos. A ela haveriam de seguir outras." (III Cap., p.53-54, 8P, L.5)

c. "Vão pisando caminhos... De repente o mundo desaba... Tuahir e Muidinga se abismalham, tombados numa enormíssima cova... Súbito, no meio do cacimbo, uma silhueta aparece." (IV Cap., p.70-71, 1P, L.8)

d. "Com a licença do outro, Tuahir recorda a estoriuzinha do pai do fazedor de rios." (V Cap., p.95, 7P)

14a. - ... sinto falta das estórias.

- Quais estórias?

- Essas que você lê nesses caderninhos...

- Deixei os cadernos lá no machimbombo. Mas eu já li outro caderno... Lhe posso contar o que diz, quase sei tudo de cabeça... - Fala devagarinho para eu compreender. Se adormecer, não pára. Eu lhe ouço mesmo dormindo." (V Cap., p.99, 4P)

b. "Farida dormia na cabina do capitão. Enquanto eu dormia fora, deitado entre cordas e panos velhos." (V Cad. de Kindzu, p.101, 1P)

c. "Me chamo Farida, começou a mulher o seu relato." (IV Cad. de Kindzu, p.77, 1P)

15a. "Minha missão era outra. Por muito que começasse a duvidar, eu não podia esquecer meu original motivo: ser um naparama, um guerreiro de justiça." (V Cad. de Kindzu, p.105, 5P, L.7)

b."Nesse desespero me veio, claro, um desejo: me juntar aos naparamas. Sim, eu queria ser um desses guerreiros de justiça."(I Cad. de Kindzu,p.30,1P)

16a."Muidinga já não reclama para passear pelas cercanias. Apenas Tuahir deseja sair, se espraia pelos matos...

- *Vamos!*

- *Eu fico, tio.*

- *Nem pense. Aqui ninguém fica. Se não quer me acompanhar então siga noutra direcção. Mas aqui é que não fica.*

...Muidinga se resigna, pois, a ir sozinho... até que escuta vozes, vindas do fundo da paisagem. Eram mulheres que se aproximavam, cantando. Traziam ramos nas mãos e com eles iam batendo no chão."(VI Cap., pp.109-110,2P)

b."É quase meio-dia quando Tuahir o sacode para anunciar que devem partir pelas redondezas. Era urgente procurar alimento, arranjar mais água... Aquela era sua primeira incursão pelos matos. A ela haveriam de seguir outras."(III Cap.,p.53-54,8P,L.5)

17a."- *Vá, beba. Fique forte que é para, mais logo, atacar aqueles caderninhos que você sabe.*

- *Mas, tio. Nem sei se vou conseguir.*

- *Consegue. Leia como o velho Siqueleto, um olho aberto de cada turno.*"(VI Cap.,p. 112,1P)

b."...é um velho alto, torto, usando sobre o corpo nu uma gabardina comprida... Um dos olhos permanece fechado enquanto o outro está aberto. O olho de serviço reveza-se, ora um ora outro."(IV Cap.,p.71,3P,L.3)

c."Farida me dera um gosto novo de viver. Até ali me distraía nesse estar contente sem nenhuma felicidade. Depois de Farida me tornei encontrável, em mim visível."(VI Cad. de Kindzu,p.113,1P)

18a."Quando, por fim, me despedi, ela me pediu:

- *Lá, em Matimati, nunca fale de meu nome. Eles me odeiam.*

Já em meu concho, remando para terra, surgia clara a razão do meu retorno à costa. Eu procurava apagar o fogo que devorava aquela mulher...

Como começar para chegar ao filho de Farida?"(VI Cad. de Kindzu,pp.114-115,4P,L.5)

b."Quando cheguei à baía de Matimati..."(III Cad.de Kindzu,p.59,1P)

c."Certa vez ela se chegou grave. Colocou suas mãos nas minhas e deixou um silêncio pousar. Depois, me pediu:

- *Quando saíres daqui quero que vás procurar meu filho.*"(V. Cad. de Kindzu,p.103,1P)

19a."A chuva timbilava no tecto do machimbombo... Tuahir... Olha o

miúdo que está deitado, de olhos abertos, em sincero sonho...

- *Te falta é uma mulher, disse o velho. Estiveste a ler sobre essa mulher, a tal Farida. Devia ser bonita, a gaja.*

As mulheres, em instante, ficaram tema."(VII Cap.,p.133,1P)

20a."- *Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos.*"(VII Cap.,p.136,2P)

b."Já me cansavam aqueles dias em casa de Assane. Que esperava? Nem Surendra nem Assane me podiam ajudar a procurar Gaspar, o perdido filho de Farida."(VII Cad. de Kindzu,p.137,1P)

c."A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes... Um único comerciante ficara na vila: Surendra Valá, indiano de raça e profissão. Eu gostava de lhe visitar..."(I Cad. de Kindzu,p.24,1P)

d."Chamaram o antigo secretário do administrador para me trazer uma autorizada versão do acontecido. O homem compareceu, trazido ao colo de muitos voluntários. Suas pernas estavam desvalidas que nem caniço em ventania... Se apresentou, sacudindo as mãos:

- *Sou Assane.*"(III Cad. de Kindzu,p.60,1P,L.2)

21a."E Tuahir revela... Tudo acontecera na vizinhança do autocarro... Siqueleto ardendo, Nhamataca fazendo rios, as velhas caçando gafanhotos, tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada.

- *É miúdo, estamos a viajar. Nesse machimbombo parado nós não paramos de viajar. Me faz lembrar quando andava no comboio.*"(VIII Cap.,p.147,4P)

b."Tuahir se recorda. Seu serviço tinha sido numa estaçãozinha."(VIII Cap.,p.148,4P)

c."O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos...
- *Me lê, miúdo. Vai lendo enquanto eu faço um serviço.*"(Ibid.,p.149,1P)

d."Despertei já era muito manhã, Carolinda não estava ali..."(VIII Cad. de Kindzu,p.151,1P)

e."O administrador chegou era quase meio-dia. Vinha acompanhado de sua esposa, Carolinda... Carolinda do lugar onde estava me dedicou suas vistas."(VI Cad. de Kindzu,p.129,1P,L.11)

22a."- Conduzes-me pelo mato. Em troca, levo-te até ao barco onde está Farida. Tu tiras de lá o que quiseres.

Ele aceitou. Afinal ele também queria fugir. Um fantasma lhe perseguia, confessou. Um fantasma? Sim, o espírito de seu antigo patrão colonial.

- Vou-te contar minha estória...E começou a narrar."(VIII Cad. de Kindzu,p.154,2P)

23a."Romão Pinto não queria acreditar... Lembrou seus derradeiros momentos de vida. Tudo lhe surgia com a nitidez do onírico."(VIII Cad. de Kindzu,p.158,6P)

24a."...Muidinga se deita no banco do machimbombo. Fazendo de almofada, se amontoam os cadernos de Kindzu. Antes de adormecer o miúdo passa a mão por aquelas folhas, em cúmplice afago."(IX Cap.,p.168,10P,L.2)

b."Minha discordância com Quintino começou antes sequer de partirmos. No dia combinado para sairmos para o mato ele não compareceu. Esperei em vão."(IX Cad. de Kindzu,p.169,1P)

25a."Em vez de xigoviar diz preferir contar uma história, verdadeira, passada consigo, naqueles mesmos pastos.

- *Conta lá, então.*"(X Cap.,p.189,3P,L.5)

b."- *Semana passada faleceu um boi, cujo esse boi era o maior de todos.*

Assim desfia o menino seu relato."(X Cap.,p.189,5P)

26a."A paisagem chegara ao mar. A estrada, agora, só se tapeteia de areia branca. À medida que a viagem prossegue, Tuahir vai piorando, como se se aproximasse dos derradeiros finais."(X Cap.,p.207,1P)

b."A jangada escorrega pelas lisas águas até desembocar numa margem onde a areia branqueja. Nítido se escuta o rugido do mar.

- Escute: é o mar, o autêntico mar. Já estamos perto, tio.

- Oh, esse mar já escuto desde que chegámos lá no machimbombo.

Cada vez mais a voz de Tuahir se esfuma."(X Cap.,p.191,9P,L.5)

27a." - Quanto falta para acabar esses cadernos?

- Falta pouco: este é o último.

- Então não me lê. Guarda para você, quando estiver sozinho.

- Não tio. Eu posso ler agora.

- Então, espera. Não leia já. Mais tarde quando estiver a água a subir.

...

- Muidinga, me diga uma coisa. Tudo aquilo que você leu nesses cadernos, tudo aquilo está escrito?

- Não entendo.

- Estou perguntar se você não aumentou algumas verdades ali naqueles cadernos.

- Mas, tio, é capaz pensar uma coisa dessas?

- Deixe. Agora me comece a ler."(XI Cap.,p.208,8P)

b."Depois de Euzinha já nenhuma esperança me restava..."(Último caderno de Kindzu,p.211,1P)

ANEXO 1: Dados Seleccionados**Extractos-III**

28a."Porque me surgiam agora alucinadas visões de uma estrada por onde eu seguia..."(Último Cad. de Kindzu,p.217,4P,L.3)

b."Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada... Fogem da guerra... O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados."(I Cap.,p.9-10,3P)

29a."...Até que meu coração se apertou em sombrio sobressalto. Me surgiu um machimbombo queimado. Estava derreado numa berma, a dianteira espalmada de encontro a uma árvore."(Último Cad. de Kindzu,p.217,4P,L.9)

b."Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se... Muidinga não ganha convencimento... Roda à volta do machimbombo. O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. A dianteira estava amassada de encontro a um imenso embondeiro."(I Cap.,p.10,1P)

30a."De repente a cabeça me estala em surdo baque... Vacilo, vencido por súbito desfalecimento. Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos."(Último Cad. de Kindzu,p.218,L.3)

b."Entram no autocarro. O corredor e os bancos estão ainda cobertos de corpos carbonizados...Saem a enterrar os cadáveres. Não vão longe. Abrem uma única campa para poupar esforço. No caminho do regresso encontram mais um corpo... Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro... Junto dele estava uma mala, fechada, intacta."(I Cap.,p.11,5P)

31a."Uma voz interior me pede para que não pare. É a voz de meu pai que me dá força. Venço o torpor e prossigo ao longo da estrada. Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos."(Último Cad. de Kindzu,p.218,L.8)

b."Enterram o último cadáver... Depois de fecharem o buraco, o velho puxa a mala para dentro do autocarro. Tuahir tenta abrir o achado, não é capaz. Convoca a ajuda de Muidinga... Forçam o fecho, apressados. No interior da mala estão roupas, uma caixa com comidas. Por cima de tudo, estão espalhados cadernos escolares, gatafunhados com letras incertas... Muidinga inspecciona os papéis...retira os caderninhos..."(I Cap.,p.12,12P,L.6)

ANEXO - 2 : Laços Semânticos Detectados

Texto 1 - I Unidade Diegética

1 (a) "[...] ele(1) estava no campo de deslocados, vindo de sua aldeia
 2 distante. Uma noite lhe(1) pediram[CF] para ajudar a enterrar seis
 3 crianças recém-falecidas. Os corpos(3) estavam numa cabana, por
 4 baixo de uma velha lona. (b) [...] Tuahir(3) ajudou(CF) a arrastar os
 5 corpos(3) para um buraco. Enquanto[CT] (0) puxava[CF] pelas
 6 pernas frias(3) (0) se admirava daquele peso tão diminuto. (0) Olhava
 7 os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando[CT]
 8 (0) reparou com espanto: os dedos(3) de uma das crianças se
 9 cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos(2) se agarravam à
 10 vida, lutando contra o abismo. Aquela criança(2) ainda respirava.[...]

11 (c) "- *Parem, (0) aquele miúdo(3) ainda está vivo!*

12 "Os restantes coveiros se entreolham, duvidosos. E (0) voltam a
 13 puxar[CF] os corpos(3)[...]. Tuahir(2) suplica[CF] que (0) parem,
 14 os outros(3) se imperturbam. [...] O velho(3) sai do grupo(3), (0)
 15 não tem coragem para sepultar(CF) um vivente(3). Já o menino(3)
 16 se afundava em areias que (0) atiravam no buraco quando[CT] ele(1)
 17 se recordou(CF):

18 "- *Deixem esse(1): é meu sobrinho...*

19 "- *E você cuida dele(1)?*

20 "- *Sim, eu lhe(1) trato.*

21 (d) "[...] Nos princípios, o miúdo(3) só pronunciava estranhas
 22 gemências. [...] O menino(3) permanecia dobrado em si, vomitando,
 23 dolorido da cabeça aos pés. Sem se mexer, ele(1) já trincava seu fim.
 24 Tuahir(3) lhe(1) pedia[CF] que se levantasse e se mantivesse de pé,
 25 nem que fosse por breves tempos. Com ajuda, o moribundo(3) se

26 sustinha. [...] E[CI] o velho(3) pensava(CF): "este(1) já não tem
27 melhora". Mas[CI] ainda assim, (0) insistiu. Nessa altura[CT], o
28 moço(3) ainda segurava algumas palavras.

29 [...]

30 (e) "O menino(2) cada vez mais se dificultava em falar,
31 atarantonto. Ao ver a criança(3) assim rarefeita, Tuahir(3) sentiu
32 descer-lhe da cabeça o coração. (0) Puxou[CF] Muidinga(3) pela
33 mão e[CI] (0) lhe(1) prometeu[CF]:

34 "Não lhe(1) vou abandonar. Não tenha medo, eu lhe(1) tomo
35 conta.

36 "Tuahir(2) cumpriu. A enfermidade trabalhava no rapaz(3).
37 Seu(1) corpo se vazava de peso. As humanas faculdades nele(1) se
38 esvaíam. O miúdo(3) quase já não sabia falar, nem andar, nem
39 sequer rir.

40 [...]

41 "(0) Dobra as pernas, depressa. (0) Não podes morrer de pernas
42 esticadas.

43 "E[CI] o velho(2) ajudou[CF] o miúdo(2) a dobrar as pernas.
44 (0) Ficou à espera que a morte viesse. [...] (f) E[CI] se passou ao
45 inverso do esperado. No dia seguinte, já Muidinga(3) despertava,
46 fortalecido. Era uma criança(3) a nascer, quase em estado de saúde.
47 O velho(2) se contenta: seus(1) filhos já quase não deixavam
48 memória. (0) Sentia saudade de ser pai, era como se (0) voltasse a
49 ser jovem.

50 "Te(1) vais chamar Muidinga(3), decidiu[CF] (0).

51 "Era o nome(3) que tinha sido dado a seu(1) filho mais velho, ido
52 e esvaído nas minas do Rand¹."

¹ Rand: forma popular de nomear a África do Sul.

ANEXO - 2 : Laços Semânticos Detectados

Texto 2 - II Unidade Diegética

53 (a) "(...) O homem(3) vivia só, se lamentando: antes mal
 54 acompanhado! (0) Habitava na esteira de um rio largo, tão largo que
 55 deitava a pequeno qualquer tamanho da outra margem. Lhe(1) doía a
 56 vida, indevida em um só indivíduo(3). (b) [...] Até que um dia, do
 57 outro lado das águas, lhe(1) pareceu chegar[CF] uma voz(3). [...] O
 58 velho(3) se ergueu e espreitou a lonjura. [CI] Lá estava: do outro lado,
 59 o esbatente vulto de um gentículo(3). Deste lado, o pai(3) gritou
 60 também. (0) Não entendia rabisco que o outro(3) dizia. Mas[CI] (0)
 61 ripostava, com ânsia, antes que a miragem(3), desiludida,
 62 desaparecesse. Durante dias[CT], se repetiu a troca de berros[...]. O
 63 velho(3) todo o dia suspirava pelo momento de gritar. (c) Um dia,
 64 contudo[CI], o outro(3) se demorou. Um estremecimento lhe(1)
 65 arrepiou a tristeza. Ele(1) já sofria de afeição demasiada pelo
 66 desconhecido(3)[...]. (0) Manobrou... um pressentimento:[CI] e se,
 67 nos anteriores dias, o outro(3) lhe(1) tivesse tentado avisar[CF] de
 68 qualquer tragédia que estivesse por acontecer? Ou[CI] se o outro(3)
 69 estivesse doente, necessitado de um braço amigo?

70 (d) "(0) Decidiu então improvisar uma jangada,[...]. E (0) se lançou
 71 nas vagas, transversando a corrente. Em meio da jornada (0) reparou
 72 como havia sido grande sua ousadia. E as ondas cresceram, grandes que
 73 ele(1) nunca vira. [...] O pai de Nhamataca(3) afundava, sem remédio.
 74 (e) Nesse instante, porém[CI], ele(1) viu que um outro barquito
 75 avançava em sua(1) direcção. (0) Olhou:[CI] era o vulto(3) da outra
 76 margem que acorria em rumo avesso, direito a o(1) salvar. Braços
 77 fortes(3) o(1) puxaram[CF] e ele(1) se anichou, encharquilhado na
 78 outra embarcação. Foi então que, desfeitas bruma e lonjura, (0)

79 descobriu[CF] que o personagem(3) do outro lado era uma
80 mulher(3), dona de incendiada beleza. Tudo o resto se passou em
81 silêncio como se perto já não se escutassem. O amor que trocaram é
82 assunto para duas vidas inteiras, abandonadas para sempre num
83 barquito sem rumo.(...)"

ANEXO - 2 : Laços Semânticos Detectados

Texto 3 - III Unidade Diegética

84 (a) "(...) Havia, entre sua(1) manada, um muito triste boizarão(3).
 85 De manhã até de noite o bicho(3) boiava em rasteira solidão [...]
 86 Seus(1) olhos felpudos seguiam todas as distrações. Tudo lhe(1) era
 87 pretexto, fosse o estremecer de uma sombra, fosse o farfalhar de
 88 uma borboleta tricotando seu voo. O pastorzinho(3) se agastava
 89 [CI]: que doença estaria a consumir o animal(3)? E[CI] (0) se
 90 decidiu a seguir[CF]-lo(1), de luz a lés. Foi então[CI] (0)
 91 reparou[CF] que o bicho(3) se prendia na visão de uma dada e
 92 considerada garça(3). (b) A ave(3) pernalteava-se, se juntava às
 93 nuvens, suas gémeas:[CI] sempre e sempre a atenção do boi(3)
 94 nela(1) se centrava[CF]. O ruminante(3) se imobilizava,
 95 impedido. O pastor(2) chambocava[CF] o bovino(3) a ver se
 96 ele(1) manadeava. O varapau, vuum-ntáá, estalava nos costados(3).
 97 Nem valia a pena. Pois ele(1) sacudia os lentos cornos e seguia, de
 98 impossível, impassível. .

99 "Sem nenhum comer, o bicho(3) definhava-se [CI]. O pastor(2)
 100 nem sabia como explicar a seu(1) tio, dono da criação. (c) Certa
 101 noite, ao juntar suas migalhas, o pastor(2) viu aquilo que duvidava
 102 de contar. Pois que[CI] o boi(3) esticava o pescoço para a lua e (0)
 103 declamava mugidos que nunca foram ouvidos. De repente, se agitou
 104 todo seu(1) corpo, o bicho(3) parecia estar em parto de si mesmo.
 105 De sua(1) garganta se afilaram os gemidos que se foram vertendo,
 106 creia-se, num cantarilhar de ave. Às duas por uma, ele(1) começou
 107 a minguar, pequenando-se de taurino(3) para bezerro(3), de
 108 bezerro(2) para gato chifrudo(3). Em violentos arrepios (0) se

109 sacudiu e os pêlos, aos tufos, lhe(1) foram caindo. No igual tempo
110 lhe(1) surgiam plumas brancas. Em instantes, o mamífero(3) fazia
111 nascer[CF] de si uma ave(3), profundamente garça(3).

112 (d) "O recente pássaro(3), então, percorreu o redor, procurando
113 não se sabe qual quê com seu(1) olhar em seta. Até que, de
114 súbito[CI], se vislumbrou uma outra garça(3), essa(1) mesma que
115 lhe(1) fazia, enquanto[CT] boi(3), demorar o coração. E o
116 transfigurado mamífero(3) acorreu[CF] em volejos, se chegando
117 à autêntica ave(3). (0) Dançou em repentinos saltos, as pernas de
118 nervosa altura, como se ainda estivessem a soletrar os primeiros
119 passos. A terra parecia demasiado pesada para aquele habitante dos
120 céus(3). Ali ficaram os recíprocos dois(3), em namoros
121 despregados, soltando brancas fulgurações.

122 "O pastor(2) se garantiu que assim acontecia todas as noites de luar
123 cheio. No roçar da aurora, o boi(3) regressava à condição de
124 tristonho quadripedestre(3). (e) Sucedeu um ano, contudo[CI], que
125 por meses seguidos, a lua teimou em não sair. Por tempos
126 consecutivos, as noites se velaram, escuras, viscosas. O boi(3)
127 percorria as nocturnas horas se mantendo boi(2), mugindo como as
128 acabrunhadas xipalapalas. (0) Morreu na trigésima noite. O
129 pastor(2) assistira[CF] a sua(1) lenta agonia e[CI] (0) jura ter
130 visto lágrimas deflagrando nos redondíssimos olhos do bicho(3)."